



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 13.º

SABADO, 26 DE JULHO DE 1969

AVENÇA

N.º 644

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA ♦ PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO ♦ OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254 ♦ LISBOA — TELEF. 361839 ♦ FARO — TELEF. 93156 ♦ AVULSO 2400

A ILHA DA ARMONA EM PERIGO — SUGEREM-SE URGENTES MEDIDAS

Os olhanenses estão ameaçados de ficar sem a sua ilha da Armona, ou antes, de não poder frequentá-la, se as autoridades locais não tomarem uma urgente decisão. Fomos à ilha e corremos o risco

VISITA DO ALMIRANTE TENREIRO AO ALGARVE

ALMIRANTE Henrique Tenreiro visita, amanhã, o concelho de Olhão, efectuando-se várias cerimónias com a sua presença: às 11 horas, uma sessão solene de boas-vindas nos paços do concelho; às 12, inauguração de um salão de chá no jardim Patrão Joaquim Lopes; às 13, visita às instalações do Grupo Naval e ao Centro de Vela da Mocidade Portuguesa; às 16 e 30, visita às instalações portuárias da freguesia da Fuseta; às 17 e 30 missa na capela de S. Sebastião dos Matinhos e às 18,30, sessão de boas-vindas no salão da Casa do Povo de Moncarapacho.

Como delegado do Governo junto dos organismos da pesca, o almirante (Conclui na 5.ª página)

de morrer asfixiados. Atravessámos o areal para um banho no lado do mar e o cheiro nauseabundo que encontrámos e a porcaria deixaram-nos sem voz e sem cor. Corremos aflitos para o pontão do embarque onde foi possível tomar banho entre centenas de pessoas que ali se aglomeravam. E só então percebemos a razão.

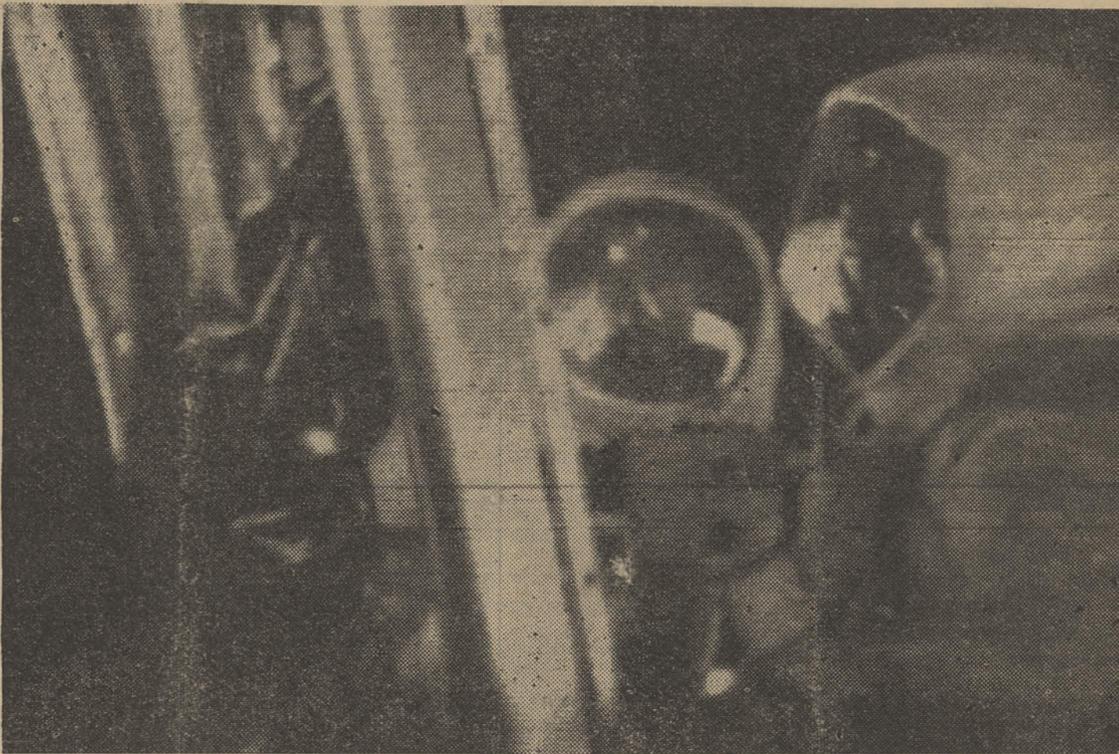
A Armona está em perigo. Não se trata já da desafecção, mas sim da desinfecção de uma zona que, se não lhe acodem, pode atingir com alguma epidemia milhares de pessoas e provocar o êxodo.

Acontece que, do lado do Atlântico, formou-se, com o tempo, uma baía em virtude das correntes e marés. Com o vento Sueste, a água arrasta para ali toneladas de algas que se depositam no fundo e vão apodrecendo com a vazante. A colza é de tal modo, que até os peixes e os caranguejos morrem.

Todos já verificaram o que se passa, o delegado de Saúde já dirigiu ofícios à Câmara, as pessoas, protestos, mas ninguém encontrou ainda uma solução.

Quando, à primeira vista, parece que se deveria dragar o local, enchê-lo de areia ou fazer uma abertura para escoamento das águas. Três hipóteses, mas nenhuma ainda foi tentada. Porquê? De quem a culpa? Da Hidráulica ou da Câmara?

É necessário acudir urgentemente à Armona, aos olhanenses e aos turistas. Olhão está uma vila (Conclui na 4.ª página)



A MAIS BELA AVENTURA DO NOSSO TEMPO «VIEMOS EM PAZ»

— DIZ A PLACA COLOCADA NA LUA POR NEIL ARMSTRONG, O QUAL VEMOS NA GRAVURA LENDO, PRECISAMENTE, A INSCRIÇÃO, DURANTE A SUA PERMANÊNCIA NO NOSSO SATELITE. ESTA IMAGEM FOI OBTIDA PELA TELEVISÃO NUM SENSACIONAL PROGRAMA QUE FOI VISTO EM TODO O MUNDO

QUANDO partiu a Apollo 11, e enquanto a nave com os três cosmonautas Aldrin, Armstrong e Collins vogava no espaço concluindo a sua missão de tocar pela primeira vez na Lua — um homem, na Terra aguardava ansiosamente. Vemo-lo na nossa gravura. Chama-se Conrad e é hoje o astronauta americano melhor preparado para idêntica aventura. Ele era o 4.º homem, aquele que a Nasa reservava para qualquer eventualidade, na hipótese de falhar o mais sensacional feito do nosso século.



NOTA da redacção

AUMENTARAM, num breve período, por duas vezes, os preços das tarifas dos caminhos de ferro. Explicações várias da CP: subida dos vencimentos do pessoal, actualização e renovação dos serviços, etc., etc.

Simplesmente, neste momento, acontece apenas que o passageiro não recebeu quaisquer melhorias e viu aumentar os preços. Os comboios continuam a ser os mesmos, os horários não se respeitaram e as velocidades médias mantêm-se baixas. Portanto, qual foi o benefício do passageiro que acabou por pagar mais? Se nem sequer o nível de vida subiu!

Neste momento, há apenas duas realidades: melhores vencimentos e bilhetes mais caros. Os primeiros não são famosos e deixaram muito a desejar perante as necessidades; os segundos foram suficientemente altos para significarem dificuldade para todos aqueles cujos ordenados não foram aumentados e que viram surgir mais uma despesa.

O PASSAGEIRO PAGA MAS CONTINUA A SER ESQUECIDO

Os seus aumentos paga-os a C.P. à custa do passageiro. E este o que recebe em troca? Por enquanto, apenas os maus serviços habituais e muitas promessas.

A COOPERAÇÃO AGRÍCOLA NO ESTRANGEIRO

II por Guilherme Waldemar de Oliveira Martins

CIRCUNSCRIÇÃO

FORA da Hungria, onde «em cada comuna ou em cada cidade não pode funcionar senão uma cooperativa, cujos membros (exclusivamente trabalhadores agrícolas) devem ser designados antecipadamente (toda a fundação de cooperativas tem que ser autorizada pelo» (Conclui na 4.ª página)

REUNIÃO DE ELEMENTOS DIRECTIVOS DA COMPANHIA DE SEGUROS «TRANQUILIDADE»

A COMPANHIA de Seguros Tranquilidade reúne, de 24 a 27 do corrente, num hotel de Lelria, elementos da sua Administração e Direcção com os delegados de todo o País e com todos os empregados de serviços externos.

A reunião, que tem por objectivo o estudo, a actualização e o aperfeiçoamento de processos de trabalho que permitam servir melhor os segurados actuais e futuros daquela Companhia, tanto em assistência directa como por intermédio dos seus agentes e angariadores, está subordinada ao tema: «Máxima simplificação interna para a melhor eficiência externa».

O sr. Fernando Cruz, delegado da Companhia em Faro, estará ausente durante o período indicado, a fim de comparecer na reunião de estudo, o que não impede que os serviços da Delegação continuem o seu funcionamento normal sob a direcção do segundo empregado.

TEMPO de COMENTÁRIO

por TORQUATO DA LUZ

O QUE SE FAZ NO ALGARVE?

AGOSTO vem aí. Está ao dobrar da esquina. O mês considerado o «prato forte» do turismo algarvio chega sem anúncio, engrenado na roda implacável do tempo. Será mais um Agosto sem história, com muito calor e gente aos cachos pelas nossas paragens, mês sem nada de novo, mesmo para o qual quem detém o exclusivo da imaginação no aspecto do nosso desenvolvimento turístico não encontrou qualquer motivo novo de atracção para a nossa Província.

É pena. Dizemo-lo com o coração nas mãos e uma grande apreensão no espírito. Muito bela tem de ser, para os olhos estrangeiros, a nossa terra, para que continuem a afluír aqui, aos milhares — quando os motivos de atracção se limitam às praias e à comodidade (em certos casos) dos alojamentos.

Assiste-nos o direito de perguntar as razões por que a Província não reúne condições para ser cenário de iniciativas de carácter cultural (de diversas índoles) e é relegada, nesse aspecto, em favor de outras regiões do País.

É direito que temos e afigura-se-nos difícil haver quem consiga arquitectar justificações para o negar. Não falamos do espectáculo dos Jogos Florais da Emissora Nacional — porque, no fim de contas, ainda bem que não foi aqui que se deu tão confrangedora prova do poético reumatismo que prolifera em certos meios.

Referimo-nos, isso sim, a outras realizações sejam elas quais forem, que reúnam o nível necessário para poderem, sem escândalo, ser presenciadas por gente consciente e avessa a improvisações, como nos orgulhamos de ser — e como, por hospitaleira amabilidade talvez, julgamos os nossos visitantes.

Afinal, o que se faz no Algarve para divertir (leia-se atrair) os turistas? Estamos ou não interessados neles? Pelos vistos, e até demonstração em contrário, parece-nos bem que não.

LOTARIAS E TOTOBOLA CAMPIÃO

SEMPRE PRÊMIOS GRANDES

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

À saúde é a maior riqueza

O SONO

O sono é tão indispensável à vida como o alimento. Dá forças novas ao homem esgotado pelo trabalho do dia. Durante o sono, o corpo elimina as matérias prejudiciais e as toxinas que se aglomeram no organismo como resíduos do trabalho físico ou mental e provocam a sensação de fadiga.

Um jovem precisa dormir 8 a 9 horas por dia; e as crianças precisam ainda mais. O sono mais reconfortante é o que se dorme das 22 horas até às 5.

CRÓNICA DE FARO



por CARLOS MARTINS

COISAS SEMELHANTES CURAM-SE COM COISAS SEMELHANTES

ADA vez que entramos na Estação dos Correios, ficamos numa espécie de alarme constante, com receio de vermos tudo aquilo desfazer-se em trovoadas e aguaceiros, tantos são os perigos semelhantes que nos têm caído em cima, só porque... Bem, gostávamos de explicar a razão disso, mas, sinceramente, não a conhecemos. O que somos capazes é de narrar os factos que, em pouco mais de uma semana, nos arrastaram sem cerimónia, por toda a escala negativa dos valores morais. De mentiroso a mal educado nada nos faltou percorrer e estamos, até convencidos de que alguma coisa ainda ficou por conhecer, pois nem sempre as senhoras têm a coragem bastante para dizerem tudo o que pensam. Valha-nos ao menos isso.

E isto não teria história se não teméssemos ir encontrar, na próxima vez, um pelatão de polícia, de capacete e metralhadora, à nossa espera e um tribunal sumário, com todo o cerimonial dos grandes dias, pronto para nos remeter, como amostra sem valor, para qualquer sítio perdido nos confins da Terra.

Dizia Quintiliano: «escreve-se para narrar e não para provar». Vamos então, aos factos:

Um dia destes deslocámo-nos aos correios para perguntar o que tínhamos de fazer para despachar um valor declarado. Entrámos na estação, olhámos os letrados e descobrimos o posto exacto.

O senhor compra um envelope próprio, fecha e lacra — elucidado a senhora. — Tem de ser cinco lacres fortes e não se esqueça do sinete.

Agradecemos a amabilidade e saímos a dar cumprimento às exigências postais. Na papelaria Silva comprámos o sobrescrito próprio, pusemos dentro o dinheiro e fomos lacrar a coisa à Brasileira. O amigo Inácio nem se esqueceu de nos empregar o seu sinete. Porém, de volta à estação tivemos a desagradável surpresa de ouvir dizer que aquilo não estava em condições.

Protestámos e a senhora pareceu vacilar. Mas logo reagiu. Olhou-nos com um sorriso de que só ela sabia a intenção, e afastou-se, a pedir conselho a uma colega, que a aliviou com um franzir de nariz e um gesto negativo da sua cabeça de mulher inteligente. — Isto não está em condições — voltou a primeira senhora. — Mais a mais os sinetes não «SAO» iguais! — Não são quê? — Não são iguais! — Faz favor de verificar — resmungámos nós, tirando do bolso o nosso melhor par de óculos.

O senhor que se segue — sentenciou a funcionária, despachando-nos primeiro que ao valor declarado. Se dissessemos que aquela atitude de desinteresse nos esquentou ao rubro, não fazíamos nenhum favor à verdade. E o remédio foi ir procurar um sinete que não estivesse indisposto conosco.

Entrámos numa barbearia e logo o nosso amigo Nugas se apressou: «cabe-lo?» — Sinete — foi a nossa resposta, que fez a cara do homem parar de estupefação. E ele tinha um carimbo simplório mas legal.

Mais recentemente encontrámos na nossa caixa postal um papelinho muito semelhante a um talão de máquina registadora de café. Distraidamente atirámos-lo para a rua, julgando tratar-se de brincadeira de crianças. Alguns dias depois, por dever de hábito, perguntámos a um cobrador dos correios quando é que nos avisavam para o pagamento da taxa telefónica.

Já lá está o aviso em casa — respondeu o cobrador. — É um aviso pequenino, assim! — Elucidou, mostrando-nos um dos tais talões de café. — Isso?! — Atalhámos. — Estava lá um papel desses mas jogámos-lo fora. — Então não sei — foi a resposta do homem, indo à sua vida. Tirámo-nos de cuidados e nesse mesmo dia fomos aos correios para liquidar o recibo.

A senhora que nos atendeu pediu-nos o tal ridículo papelinho. E nós tivemos de tornar a contar a história: que julgávamos isto, que pensávamos aquilo, etc., etc., etc.

— Ai, então não sei — repetia-se a resposta.

Invocámos todos os santos para não perdermos a paciência. Mesmo assim, tivemos a impressão de que aquelas paredes e tecto nos iam cair em cima. — Desculpe, mas não sabíamos que aquilo era um aviso — continuámos a desculpar-nos.

— E sabe ao menos o dia em que foi avisado?

— Também não, perdoo-nos.

— Sendo assim, não pode pagar!

— Não?... E qual é a solução?

— Deixar para o último dia e pagar mais 40\$00.

— Isso é que não pagamos!...

— Então não sei...

Foi então que a tempestade rebentou.

— A senhora julga que andamos a cavar o dinheiro?

— E por que não?! Também nós as perdemos e não no-las pagam, como à senhora!

— Era o que faltava.

Nessa altura já toda a gente tinha o olho guloso em cima de nós.

— Estamos aqui para pagar e queremos pagar! O seu dever é apresentá-nos o recibo. A senhora faria melhor

ECOS

Fins de curso

Com alta classificação concluiu o Curso de Regente Agrícola, na Escola de Regentes Agrícolas de Évora, a sr.^a D. Maria de Fátima de Sousa Romeiras Lourenço, filha da sr.^a D. Maria de Sousa Eusebio Romeiras Lourenço e do sr. dr. João Lourenço, notário em Palmela, residentes naquela vila.

Partidas e chegadas

Acompanhado de sua família está passando férias na sua Vivenda Algarve, na Praia da Areia Branca (Lourinhã), o sr. João Viegas Falcão, chefe de serviços de A Confidente.

Acompanhado de sua família, está a férias na praia do Carvoeiro (Lagos), o sr. Fernando Jaime da Costa, nosso assinante em Lisboa.

Em gozo de férias, está em Portel a nossa assinante na Vidigueira, sr.^a D. Maria de Jesus Gomes Ildefonso Fialho São João.

Com sua esposa e filha está passando férias temporária na sua residência em Sagres, o nosso assinante em Lisboa sr. capitão Numa Pompílio.

Acompanhado de sua esposa e filha está a férias em Vila Real de Santo António o sr. Manuel Socorro Tenório nosso assinante na Alemanha.

Com sua esposa e filha está a férias em Vila Real de Santo António o sr. Gilberto Gomes Lares, nosso assinante em Santa Cruz da Graciosa (Açores).

Encontra-se nos Estados Unidos da América o sr. João Pinto Dias Feres, vice-presidente da Câmara Municipal de Faro e sócio-gerente da firma CIAL-BE, Lda., de Faro.

Encontra-se no Funchal, passando férias junto de seus familiares, o rev. dr. Clementino de Brito Pinto, chefe de Redacção do nosso presado colega «Folha do Domingo».

Em gozo de férias encontra-se em Monte Gordo o sr. dr. Hermínio Pimenta de Castro, nosso assinante em Faro.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, a férias, acompanhado de sua esposa e filha, o sr. Fernando da Silva, nosso assinante no Barreiro.

Também se encontram a férias: em Monte Gordo, a sr.^a D. Teresa Casiano, de Faro; em Santa Luzia (Tavira), a sr.^a D. Judite Viegas Figueiras, de Queluz; em Alagoz, o sr. Manuel Rodrigues Lopes e esposa, residentes na América; em Portimão, o sr. Jerónimo Gregório Marcos, de Lisboa; em S. Brás de Alportel, os srs. Gualdino Viegas Louro e António Bentes, de Lisboa; em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filha, o sr. José Lino da Silva Estevão, da Alemanha.

Em gozo de merecidas férias esteve durante alguns dias no Algarve o sr. Luís Pacheco, conceituado redactor do diário «O Primeiro de Janeiro», que se publica no Porto.

Gozou férias em Vila Real de Santo António tendo regressado a Lyon (França), o nosso assinante sr. Angelo Rocha Baptista.

Em Faro, realizou-se o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria José Gonçalves Meilha, professora oficial, filha da sr.^a D. Maria Gonçalves Iria e do sr. Manuel de Sousa Meilha, com o sr. José dos Santos Lopes, funcionário do Montepio Geral (Agência de Faro) e conhecido colaborador do Emissor Regional do Sul da E. N., filho da sr.^a D. Gulhermina da Conceição Santos e do sr. António Estanislau Lopes, já falecido.

O novo casal ficou residência na capital algarvia.

Na ermida de Nossa Senhora de Fátima, em Cumeada (S. Bartolomeu de Messines), realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Manuela Gomes Costa Lopes, filha da sr.^a D. Carminda das Neves Gomes Costa e do sr. Nuno Piedade Costa, com o sr. Manuel Rodrigues Lopes, filho da sr.^a D. Maria da Silva Rodrigues e do sr. Joaquim Lopes. Os noivos fixaram residência em Jonkers, Estados Unidos da América.

Na igreja de Vila Real de Santo António realizou-se o baptismo do menino José João Sequeira Estevão, filho da sr.^a D. Maria Adriana Sequeira Estevão e do sr. José Lino da Silva Estevão. Foram padrinhos a sr.^a D. Mitilene Sequeira Estevão e o sr. Leovigildo António Correia Martins.

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Crespo Santos; amanhã, Paula; segunda-feira, Avenida; terça, Montepio; quarta, HI-

em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

AGENDA

De 17 a 23 de Julho

gine; quinta, Graça Mira e sexta-feira, Pereira Gago.
Em LAGOS, a Farmácia Ribeiro Lopes
Em LOULE, hoje, a Farmácia Pinto; amanhã, Avenida; segunda-feira, Madeira; terça, Conflança; quarta, Pínteiro; quinta, Pinto e sexta-feira, Avenida.
Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Olhanense; amanhã, Ferro; segunda-feira, Rodm; terça, Pacheco; quarta, Progresso; quinta, Olhanense e sexta-feira, Ferro.
Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Rosa Nunes; amanhã, Dias; segunda-feira, Central; terça, Oliveira Furtado; quarta, Moderna; quinta, Carvalho e sexta-feira, Rosa Nunes.
Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Pereira; amanhã, Montepio; segunda-feira, Dias Neves; terça, Pereira; quarta, Montepio; quinta, Dias Neves e sexta-feira, Pereira Duarte; e até sexta-feira, a Farmácia João de Deus.
Em TAVIRA, a Farmácia Franco.
Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Silva.

CINEMAS

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «Gringo não perdas»; amanhã, em matiné, «Aquela jovem de branco» e em soirée, «Arabescos»; terça-feira, «O homem com a morte nos olhos»; quarta-feira, «Noite de violência»; quinta-feira, «A brigada do diabo».
Em ALVOZ, no Cine-Alvor, hoje e amanhã, «Os 10 mandamentos».
Na FUSETA, no Cinema Topázio, amanhã, «Carnaval de assassinos» e «Ensina-me a amar»; quinta-feira, «O ódio que gerou o amor» e «Ao ritmo do twist».
Em FARO, no São Luís Parque, hoje, «Operação póker» e «Justiça do mascarado»; amanhã, «Os devassos»; terça-feira, teatro pela Companhia ABC, de Lisboa; quarta-feira, «Só se vive duas vezes» e «Maroc 7»; quinta-feira, «Um homem chamado Gringo» e «Rita, a filha americana»; sexta-feira, «A fechadura misteriosa» e «Espíritos de Venézia».
Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «Kloma» e «Mulheres e crerutas»; amanhã, em matiné, «Um milhão de dólares numa coleira»; e em soirée, «Romeu e Julieta»; terça-feira, «O alto, o baixo e o gato»; quarta-feira, «Gigantes em duelo»; quinta-feira, «O cinto da castidade».
Em LOULE, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «Os pistoleiros da casa grande» e «Bikini e músculos»; amanhã, «Catarina, imperatriz da Rússia»; terça-feira, «A vida solteira»; quinta-feira, «A volta ao mundo em 80 dias».
Em OLHÃO, no Cinema-Teatro, hoje, «Uma hora de amor» e «Cantiga da rua»; amanhã, «Uma vontade malvada» e «Bram 200 irmãos»; terça-feira, «O estranho retrato de Jessica» e «Nova York há só uma»; quarta-feira, «Scaramouche» e «A volta do pistoleiro»; quinta-feira, «Missão tempestade» e «La Rocca»; sexta-feira, «Sombrias na cidade» e «Pedra de toque».
Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, em matiné, «Um milhão de dólares numa coleira» e em soirée, «Tarzan encontra um filho» e «Gladiadores espartanos»; amanhã, «A borboleta vermelha»; segunda-feira, «Tempo de massacre»; terça-feira, «A felicidade da sr.^a Blossom»; quarta-feira, «As sandálias do pescador»; quinta-feira, «Bonacas de carne».
— No Cine-Esplanada, hoje, «Xequ

DECEPÇÕES

Faleceu em Lisboa a sr.^a D. Maria do Carmo, de 91 anos, natural de Vila Real de Santo António. Era mãe da sr.^a D. Judite de Sousa Oliveira e dos srs. José Raul e Fernando de Sousa Silva. Deixou netos, bisnetos e trinets.

DECEPÇÕES

Faleceu em Faro, de onde era natural, a sr.^a D. Paulina Eufémia Pires Pimenta, de 74 anos, viúva de António Pimenta. Era mãe das srs.^a D. Simone Pimenta de Brito e D. Maria Antonieta Pimenta Arcaño, casada com o sr. Eduardo Arcaño, comerciante, e do sr. Eleutério Pedro Pimenta, casado com a sr.^a D. Maria Lizete Pimenta; avó da sr.^a D. Ana Maria Pimenta Arcaño e dos srs. capitão de Infantaria Eduardo e do sr. Eurico Pimenta de Brito, estudante universitário.

DECEPÇÕES

Faleceu em Lisboa o sr. dr. José Espadinha Rocheta, de 70 anos, médico, natural de Loulé. Deixa viúva a sr.^a D. Angela Maria Vila-Moura da Fonseca Rocheta e era pai da sr.^a D. Ana Maria Vila-Moura da Fonseca Rocheta e do sr. irmão das srs.^a D. Henriqueta Espadinha Rocheta, professora do Liceu de Faro e D. Teresa Espadinha Rocheta Cassiano; cunhado do sr. dr. Armando Cassiano, professor aposentado do Liceu de Faro; tio dos srs. dr. Armando José Rocheta, Cassiano e engenheiro Rocheta Cassiano; irmão da sr.^a D. Maria Angelina Carvalho Lobo Vila-Moura da Fonseca.

DECEPÇÕES

Em Vila Real de Santo António, de onde era natural, faleceu o sr. Manuel da Silva Pena, de 66 anos. Era irmão da sr.^a D. Rita da Silva Pena e dos srs. Miguel, Guilherme e António da (Conclui na 9.ª página)

De 17 a 23 de Julho

OLHÃO	
TRAINEIRAS:	
Conservadora	115 890\$00
Princesa do Sul	72 948\$00
Estrela do Sul	70 448\$00
Leite	61 027\$00
Jade	57 270\$00
Noroeste	52 860\$00
Rainha do Sul	48 550\$00
Amazona	46 710\$00
Costa Azul	46 170\$00
Nova Areosa	43 787\$00
Nova Erva	43 418\$00
Diamante	42 528\$00
Nova Sr. ^a da Piedade	40 080\$00
Salvadora	37 290\$00
Mar de Prata	34 991\$00
Fernando José	34 800\$00
Vandinha	34 157\$00
Erla	32 553\$00
Nova Clarinha	31 670\$00
Lurdinhas	31 205\$00
Audaz	30 870\$00
São Marcos	30 020\$00
Restauração	28 853\$00
Passos Manuel	27 500\$00
Garotinho	25 730\$00
Liberta	22 850\$00
Flor do Sul	22 705\$00
São Vicente	15 248\$00
Isa	14 935\$00
Baía de Lagos	10 700\$00
Nova Dóris	6 700\$00
Vilhinha	6 100\$00
Alecrim	3 480\$00
Lena	3 420\$00
Norte	2 240\$00
Donzela	2 000\$00
São Lucas	466\$00
Total	1 230 831\$00

DECEPÇÕES

Faleceu em Faro, de onde era natural, a sr.^a D. Paulina Eufémia Pires Pimenta, de 74 anos, viúva de António Pimenta. Era mãe das srs.^a D. Simone Pimenta de Brito e D. Maria Antonieta Pimenta Arcaño, casada com o sr. Eduardo Arcaño, comerciante, e do sr. Eleutério Pedro Pimenta, casado com a sr.^a D. Maria Lizete Pimenta; avó da sr.^a D. Ana Maria Pimenta Arcaño e dos srs. capitão de Infantaria Eduardo e do sr. Eurico Pimenta de Brito, estudante universitário.

DECEPÇÕES

Faleceu em Lisboa o sr. dr. José Espadinha Rocheta, de 70 anos, médico, natural de Loulé. Deixa viúva a sr.^a D. Angela Maria Vila-Moura da Fonseca Rocheta e era pai da sr.^a D. Ana Maria Vila-Moura da Fonseca Rocheta e do sr. irmão das srs.^a D. Henriqueta Espadinha Rocheta, professora do Liceu de Faro e D. Teresa Espadinha Rocheta Cassiano; cunhado do sr. dr. Armando Cassiano, professor aposentado do Liceu de Faro; tio dos srs. dr. Armando José Rocheta, Cassiano e engenheiro Rocheta Cassiano; irmão da sr.^a D. Maria Angelina Carvalho Lobo Vila-Moura da Fonseca.

DECEPÇÕES

Em Vila Real de Santo António, de onde era natural, faleceu o sr. Manuel da Silva Pena, de 66 anos. Era irmão da sr.^a D. Rita da Silva Pena e dos srs. Miguel, Guilherme e António da (Conclui na 9.ª página)

De 16 a 19 de Julho

PORTIMÃO	
TRAINEIRAS:	
Portugal 6.ª	67 250\$00
Nova Dóris	62 370\$00
Sete Estrelas	60 580\$00
Erla	42 730\$00
Portugal 5.ª	27 500\$00
São Carlos	36 550\$00
Neptúnia	36 300\$00
Nova Palmeta	34 520\$00
Ponta do Lador	34 140\$00
Arrifana	33 430\$00
Maria Benedita	33 080\$00
Sardineira	29 690\$00
São Flávio	28 220\$00
Anjo da Guarda	28 040\$00
Lena	28 010\$00
Marcel	27 400\$00
Alvarito	26 780\$00
Olimpia Sérgio	25 900\$00
Donzela	25 850\$00
Lola	22 940\$00
Princesa do Arade	21 660\$00
Portugal 2.ª	20 710\$00
Cinco Marias	20 550\$00
Portugal 7.ª	20 100\$00
Oca	19 800\$00
Praia dos Três Irmãos	18 250\$00
Nave	18 190\$00
Atalantas	17 240\$00
Milita	17 150\$00
Marinheira	16 840\$00
Alga	16 430\$00
Senhora do Cais	15 770\$00
Fóia	15 720\$00
Ponta da Galé	15 200\$00
Maria do Pilar	14 060\$00
Satúrnia	13 990\$00
Vilcânia	13 070\$00
Baía de Lagos	12 070\$00
Praia Morena	12 610\$00
Sr. ^a da Encarnação	12 390\$00
Sagres	11 700\$00
N. Sr. ^a da Pompeia	10 900\$00
So	9 590\$00
N. Sr. ^a da Graça	9 450\$00
São Paulo	8 980\$00
Mirita	8 740\$00
Costa de Oiro	7 900\$00
Flora	7 120\$00
Zavial	6 100\$00
Biscaia	6 100\$00
Marisabel	5 500\$00
Gracinha	2 950\$00
La Rose	2 850\$00
Algarpesca	1 250\$00
Total	1 132 160\$00

De 10 a 23 de Julho

LAGOS	
TRAINEIRAS:	
Gracinha	53 860\$00
N. Sr. ^a da Pompeia	52 100\$00
Sagres	47 865\$00
N. Sr. ^a da Graça	45 770\$00
Marisabel	40 490\$00
Sr. ^a da Encarnação	35 950\$00
Baía de Lagos	32 610\$00
Costa de Oiro	32 150\$00
Brisamar	29 730\$00
Satúrnia	29 550\$00
Milita	19 630\$00
Donzela	5 020\$00
Zavial	4 100\$00
Total	480 825\$00

De 17 a 23 de Julho

OLHÃO	
TRAINE	

A Vossa hernia DEIXARÁ DE VOS PREOCUPAR!...



MYOPLASTIC KLÄBER é um método moderno incomparável. Sem mola e sem pelota, este verdadeiro músculo de socorro, reforça a parede abdominal e mantém os órgãos no seu lugar

«Como se fosse com as mãos»

Bem estar e vigor, são obtidos com o seu uso. Poderéis retomar a vossa habitual actividade. Milhares de herniados usam MYOPLASTIC em 10 países da Europa (da Finlândia a Portugal).

As aplicações são feitas pelas Agências do

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON (França)

Podereis efectuar um ensaio, completamente gratuito em qualquer das Farmácias abaixo indicadas:

VILA REAL DE SANTO ANTONIO — Farmácia Silva — dia 29 de Julho — só de tarde.

OLHAO — Farmácia Oihanense — Rua 18 de Junho, 143 — dia 28 de Julho.

TAVIRA — Farmácia Eduardo Félix Franco — dia 29 de Julho — só de manhã.

Durante o intervalo das visitas do Aplicador, as Farmácias Depositárias poderão atender todos aqueles que se lhes dirijam para adquirir cintas.

Notícias de LOULÉ

COMEÇAM as férias dos netos e começam os meus trabalhos dobrados. As raparigas, depois de um ano de estudo e de aplicações exigentes e, como o Algarve está na moda, não querem ficar mais um dia em Lisboa.

Dá a imposição de seguirem para esta atracção sulina, no mesmo dia, na mesma hora, em que tudo se despacha. Para partir, de certo modo, o trabalho hávida demonstrado nos resultados, consultam-se horários, estudam-se programas e preparam-se-lhes as malas.

Avião, que era a melhor forma, não se conseguiu nem se consegue sem marcação antecipada de vários dias.

Há uma automotora de fim de semana, mas que costuma vir quase com excesso de lotação e que, nesse dia vinha a transbordar e a solução foi marcar bilhetes para o rápido que chega de noite, ou melhor de madrugada, porque as vezes ganha atrasos de horas.

De forma que os pais foram até ao Barreiro meter a neta mais velha e o neto mais novo no comboio confiadamente ao condutor — velhote amável e simpático que garantiu a segurança, comodidade e descarrego de malas e dos passageiros na estação do destino.

E aí está como começam as nossas preocupações não porque não confidamos na sensatez e preparação da neta, já uma senhorinha, mas pelos cuidados com que vinha incumbida de trazer o miúdo a porto de salvamento, de se lembrar que Loulé era a seguir a Boliqueime, de não se esquecer de qualquer peça de roupa ou objecto de mão, ou de não ser respeitada se quisesse acordar aquele e este viesse ferrando no sono.

E então surgiu a ideia de irmos até Albufeira no comboio correio e ali esperar o rápido vindo com eles até Loulé. A ideia surgiu até como derivativo da espera das horas, com menos impaciência. O pior é que antes da ideia assemte havíamos combinado que o carro estivesse à porta às 12,15 para irmos e queríamos prevenir o condutor de que deveria seguir directamente para a estação e ali aguardar a nossa chegada e o homem não se encontrava na praça a essa hora.

E lá fomos nós, numa camioneta muito velha e aos soluços, em companhia pouco agradável de uns moços meio embriagados e que se manifestavam com expressões pouco académicas e com gestos que se tivessem graça ainda distraíram. Mas o trajecto é curto e passou-se depressa.

Na estação de Loulé, pretendemos telefonar para prevenir o homem, mas, infelizmente, a cabine pública estava ligada a Quarteira e as meninas dos telefones, como tivemos a ideia de dizer noutra crónica, são muito amáveis e atenciosas nesta estação.

Seguimos para Albufeira, quase donos de uma carruagem de primeira e breve chegámos à estação da terra de maior turismo no Algarve, presentemente.

Bonita estação, bem ajardinada e tratada com amplas gares e pessoal amável e solícito. Informaram que o rápido vinha à tabela e pediram desculpa porque os bilhetes de Albufeira para Loulé eram mais caros. Ainda pensámos que era alguma taxa de turismo, mas não. E que os bilhetes a partir da meia noite eram mais caros porque começara a vigorar o aumento dos preços da C. P. Parece anedota, mas não é.

Conseguimos uma ligação telefónica para Loulé, por amabilidade do factor que fazia de chefe da noite, e era pessoa conhecida.

Enquanto esperámos e para entreter o tempo fomos a um cafézinho que se encontra do lado de lá da gare e fomos impertinentes do ponto em que interrompemos a reportagem que a TV estava fazendo de mais uma etapa do Joaquim Agostinho na Volta à França.

Bem atendidos até nos bolos que nos serviram que o dono garantia serem frescos e eram, na verdade.

Entretanto chegava o comboio e eis-

ALGARVE

Vendo propriedade situada entre a Praia de Monte Gordo e a Praia Verde. Rente à estrada e mata nacionais. Area approx. 20.000 m2. Optima localização. Resposta a este jornal ao n.º 11.608.

Vende-se ou Aluga-se

Andar, junto ao liceu de Faro, construção recente. Acabamentos magníficos. Informa Papelaria Estudantil.

Rua General Teófilo Trindade
Telefones 22741-24960 — FARO.

Comparticipações

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu 184 contos à Câmara Municipal de Loulé, para trabalhos de construção da estrada municipal n.º 508, da estrada nacional n.º 2 (Amelxial) à estrada nacional n.º 124 (proximidades da Ponte das Covas), por Cortinhola, 5.ª fase (macadama na extensão de 472 m e revestimento superficial betuminoso na extensão de 2 058 m); 150 contos à Câmara Municipal de Oihão, para a estrada municipal n.º 514 (reparação do lanço dentro do concelho de Oihão, entre as proximidades de Estiramantens e Peral); 7.ª fase (terraplenagens, obras de arte e macadama entre os perfis 59 e 107, na extensão de 1 227 m); e 9 800 900 à Câmara Municipal de Tavira, para reparação do caminho municipal n.º 1 342, da estrada municipal n.º 514 (Poco das Figueiras), 4.ª fase (terraplenagens, obras de arte e macadama entre os perfis 139 e 272, na extensão de 3 248 m, e revestimento superficial betuminoso entre os perfis 74 e 90, na extensão de 355 m).

Vende-se

Casa e terreno com árvores de frutos área total 1 200 m2 água canalizada e luz eléctrica; próximo de 3 lindas praias Luz, Burgau e Salema, entre Lagos e Vila do Bispo. Preço acessível. Com chave na mão. Informa Ourivesaria Santos — Telef. 172 — LAGOS.

ENSINO NO ALGARVE

TRONICO

Matriculas na Escola Técnica de Vila Real de Santo António

As matriculas na Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António para o próximo ano lectivo realizam-se de harmonia com o seguinte calendário:

Curso de Formação Feminina (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos) — dias 1, 2, 4 e 5 de Agosto, das 9,30 às 12,30 horas.

Curso de Formação Electromecânico (1.º, 2.º e 3.º anos) — dias 6, 7 e 8 de Agosto, das 9,30 às 12,30 horas.

Curso Complementar de Aprendizagem de Comércio — dia 9 de Agosto das 9,30 às 12,30 horas.

Curso Geral de Comércio (1.º ano) — dia 11 de Agosto, das 9,30 às 12,30 horas.

Ensinos de Aperfeiçoamento (Geral de Comércio, Electromecânico e Serralheiro) — dia 12 de Agosto, das 9,30 às 12,30 horas.

Ciclo Preparatório do Ensino Secundário (2.º ano) — dias 13, 14 e 16 de Agosto, das 9,30 às 12,30 horas (1.º ano) — dias 18, 19 e 20 de Agosto, das 9,30 às 12,30 horas.

Foi aprovado o contrato para contínuo de 2.ª classe na Escola Industrial e Comercial de Loulé, ao sr. José Aveilino Neves Clara, servente da Escola Industrial de Oihão.

PRIMARIO

As sr.ªs D. Arlete Calado Pereira Guerreiro, D. Ivone Lopes Neto Firmo e D. Maria Laura Lima Rua, professoras agregadas, foram providas, respectivamente nas escolas feminina de Erelas (Albufeira), mista de Salema (Vila do Bispo) e 4.º lugar feminino de Monte Gordo.

— Está vaga a escola do sexo feminino de Almansil (Loulé).

VIVENDAS

Vendem-se em Monte Gordo

Trata: ALCINDUSTRIAL, LDA.

R. Cons. Frederico Ramirez, 18 - Vila Real de Sto. António

FIXE ESTE NOME:



trabalhamos para o seu EXITO!

Cantinho de S. Brás...

S. Brás de Alportel e as suas actividades

DE todos os pitorescos recantos de S. Brás de Alportel, Almargens, Tesoureiro e Tareja são as cadeiras de trabalho do concelho, que por esse facto merecem um aceno de especial simpatia. Sítios de densidade populacional apreciável, onde habitam centenas de operários especializados, que vivem em casinhas pequenas, airozas e baixas pelo sol, todas de branco caiadas, constituem agregados familiares que procuram a solução dos seus problemas domésticos no trabalho, unidos por laços de sã camaradagem.

Dedicam-se à laboriosa actividade corticeira nas suas múltiplas explorações. Mas ainda lhes sobra tempo, depois do cumprimento dos horários, para varrer um tronco de velhas alfarrobeiras, descascar as amêndoas da embelega de terra encravada nas faldas da serra, e criar um casal de cabritos e ovelhas que apascentam nos caminhos ou na terra da boa vizinhança. No tempo das sementeiras, abrem covatos à enxada, ou, pegando na rabicha do arado, sulcam regos sinuosos, estrumando-os com os detritos dos animais, enquanto simultaneamente lançam a semente de feve, trigo, griseus ou tremocos, para o bdooro que pelo Natal cobre as oito arribatas.

Ainda a aurora não sabe quando romper, já a calduja para os animais está

pronta, borregos presos com estacas na montureira, galinhas esgaravando nos algaros. Na noite houvera o cuidado de preparar ao mesmo tempo a ceia e o almoço para o dia seguinte. O horário apertado ao meio-dia, não permite descuidados, por isso todos os membros da família têm uma missão a cumprir, que seguem febrilmente, mas sem excitações desordenadas.

São seres humanos dignos do maior respeito e consideração, produzindo sempre mais e melhor com o suor dos seus rostos honrados. São homens e mulheres que levam uma vida inteira, logo que saem da escola, agarrados à garriopa, à faca de rabanear, à selecção e calibragem das rochas. E, em suma, essa multidão anónima, briosa os verdadeiros pioneiros do progresso industrial que, conscientes da sua força, repudiam agitações e extremismos.

O operário são-brasense é, normalmente, educado! Está em permanente contacto com os problemas nacionais e estrangeiros, pelo gosto nato da leitura, pela Rádio e Televisão. Possui uma formação moral de singular emvergadura, sustentando e perfilhando que o trabalho é a maior virtude humana e a alavanca firme do progresso.

Neste ambiente de sã mentalização, não admira que a economia local, pequena pela quantidade mas grande pela qualidade, vá singrando com certa prosperidade. E muito maior seria se estivesse ao alcance de muitos industriais, o apetrechamento técnico das suas fábricas, com maquinaria adequada, e o escalão de electricidade ao nível das suas congéneres norte-nhas.

O industrial são-brasense parece que decidiu tirar todo o proveito e rentabilidade das inúmeras possibilidades comerciais e industriais que a cortiça proporciona. Para ilustrar a nossa afirmação, basta dizer que nesta altura do ano toda a manipulação de prancha estava praticamente terminada, nas estavas anteriores! Na presente campanha ainda continuam a trabalhar diversas fábricas, pelo que, se se mantiver esta «política» e, nos anos seguintes, os ordenados se actualizarem, e a vida se estabilizar, é lógico admitir que a emigração tenha arrefecimento notável.

A melhoria de salários, o nível da assistência, a garantia anual do trabalho, a elevação técnica de novos processos, em suma, uma evolução progressiva e real, são factores susceptíveis de condizer ao advento de nova era, feliz e progressiva! A matéria-prima existe, felizmente, e de excelente qualidade, paralela à superior competência e ao brio que o operário são-brasense costuma pôr na execução do seu trabalho.

Se não houvesse, não há e possivelmente não surgirão problemas nas relações entre operários e patrões, cumprindo ambos estreitamente as determinações legais estabelecidas, espera-se e deseja-se que este estado de coisas continue para firmas e estabilidade da indústria e consequente enriquecimento de S. Brás.

F. CLARA NEVES



com esta família...



segue um pequeno mundo de íntimos anseios... e as soluções prováveis de uma próspera vida futura nos Estados Unidos da América (USA - como dizem os americanos). Segue também a saudade bem portuguesa que só um regresso feliz pode mitigar... Agora a TAP passou a ligar Lisboa a New York com aviões, pessoal e serviços próprios. Conheça os vantajosos PLANO FAMILIAR e CREDIÁRIO da TAP: o Crediário da TAP significa que o mais importante é a viagem — o pagamento vem depois!

Bom serviço para todos, boa viagem... e, quando quer que seja, bom regresso!

através do mundo em boa companhia



TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado.

JORNAL DO ALGARVE N.º 644 — 26-7-1969

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SILVES

Anúncio

No dia 3 do próximo mês de Outubro, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, nos autos de carta precatória vinda do 9.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, extraída da execução sumária ali pendente contra a executada Companhia de Investimentos Turísticos, Limitada, sociedade com sede em Ferragudo, comarca de Portimão, será posta em praça pela segunda vez, para ser arrematada ao maior lanço oferecido acima de metade do valor indicado nos autos, uma máquina registadora marca Sweda by Suenska Dataregister AB, Solna, Sweden, Model 46, oportunamente apreendida à refeida executada.

Silves, 16 de Julho de 1969

O Juiz de Direito,
Raul Domingos Mateus da Silva

O Escrivão da 2.ª Secção,
Joaquim Antunes Teles Pais

Armazém

Aluga-se na rua D. Carlos 1.º 51, em Portimão, podendo servir para depósito de redes ou para qualquer ramo de negócio. Informa na Rua do Norte, 22 — PORTIMÃO.

Frigorífico

PHILIPS

UM OÁSIS EM SUA CASA



HN2132 - 305 L

CONSULTE OS AGENTES:

O frigorífico que cabe na sua cozinha e no seu orçamento. Pequeno por fora, enorme por dentro. Nove modelos à sua escolha. Em todos eles encontra a qualidade, o serviço e a garantia de uma marca famosa em todo o Mundo.

FARO LOULÉ OLHÃO TAVIRA - CUNHA & DIAS, LDA.
VILA REAL STO. ANTÓNIO - JOSÉ PACHECO DIAS



A COOPERAÇÃO AGRÍCOLA NO ESTRANGEIRO

(Conclusão da 1.ª página)

Estado e sob o seu patrocínio). No sector de acção da sociedade cooperativa não é limitado pela lei. No Canadá, em princípio, a circunscrição territorial não deve passar os limites de uma divisão eleitoral provincial e o Governo combina facilmente as extensões que necessariamente devem ser abrangidas.

A ADMINISTRAÇÃO DAS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS

Em França e na maioria dos países estrangeiros admite-se que os administradores das cooperativas agrícolas sejam escolhidos entre os sócios. Em Portugal e na Alemanha, isso não é obrigatório e na Holanda é uma característica. No Canadá, os administradores, eleitos por assembleia geral, devem ser sócios; o executivo (cinco membros) pode ter dois que não sejam sócios. Geralmente, a atribuição de compensação ou de remuneração aos administradores não é de uso uniforme.

Na Suíça, a cooperativa pode regular a sua vontade esta questão. Na Holanda a lei não defende que os administradores sejam remunerados, portanto de um modo geral não recebem nenhuma compensação monetária.

Na Bélgica, as senhas de presença são creditadas aos administradores. No caso de desempenharem funções activas na sociedade, tais como as de administrador-delegado, passam a receber uma remuneração, embora os estatutos das sociedades cooperativas filiadas no Boerenbond estipulem que o mandato do administrador é gratuito.

Quando, na Alemanha, o administrador ou director consagra à cooperativa grande parte da sua actividade, é-lhe atribuída uma compensação regular sob a forma de salário e mediante um contrato.

Em Portugal, os serviços dos administradores não podem legalmente ser remunerados, salvo o caso de exercerem funções de gerente.

No Canadá, os administradores não podem receber uma compensação, mas o presidente pode ser gerente da cooperativa.

DISSOLUÇÃO

A menos que a assembleia geral não decida de outro modo, o excedente do activo sobre o capital social, na Alemanha, é distribuído, em caso de dissolução da cooperativa, em partes iguais pelos sócios. Os estatutos não mencionam disposição pela qual o excedente do activo deva ser devolvido a outras cooperativas onde haja obras de interesse geral agrícola.

No Canadá acontece o mesmo e a mesma regra se segue na Suíça, conforme as condições que os estatutos estabeleçam, se não, o excedente do activo é destinado aos fins cooperativos ou de utilidade pública.

Em Portugal, o excedente do activo pode ser devolvido às outras cooperativas, ou para obras de interesse geral agrícola, ou ainda dividido entre os associados na proporção das suas acções. Em todo o caso, os estatutos devem prever o destino a dar aos excedentes do activo.

Na Bélgica, em caso de dissolução da sociedade cooperativa agrícola, o modo de liquidação é determinado pelos estatutos.

Quanto à Holanda, o activo pode ser repartido livremente pelos associados, à vontade da cooperativa.

Na Hungria, o artigo 20.º, do decreto n.º 8 000, de 13 de Maio de 1948, sobre as cooperativas agrícolas estabelece que «os bens, em caso de dissolução da cooperativa devem ser restituídos ao «Fundo de Gerência dos Proprietários Agrícolas». Se, por razões de faliência, esta restituição não for pos-

sível, uma compensação levantada sobre o fundo de reserva deverá ser depositada».

DEFICIT

A responsabilidade dos accionistas é, em França, limitada a cinco vezes o montante das partes.

No Canadá, a responsabilidade social é limitada pelos accionistas à sua colocação de capital, que o mesmo é dizer, ao valor das partes com que entraram.

Na Suíça, a responsabilidade é regulada pelos artigos 868.º e seguintes do art.º 29 da lei do Código Federal das Obrigações, que diz que «...o capital social responde pelos compromissos da sociedade». Salvo disposições contrárias, estabelecidas pelos estatutos, invalidam o princípio. Mas, os artigos seguintes do Código permitem instituir a responsabilidade ilimitada, a responsabilidade limitada, ou ainda o sistema dos pagamentos, suplementares.

A lei de 1898 autoriza, na Hungria, a responsabilidade limitada dos membros, que pode ser fixada a menos do quinto da parte social.

Na Alemanha, não há limitação legal. São unicamente os estatutos que a determinam. Contudo, e em geral, a responsabilidade nas cooperativas é limitada, não excedendo 10 vezes o montante das partes. Para as cooperativas belgas, a grandeza da responsabilidade social dos accionistas deve ser indicada nos estatutos.

Na ausência destas disposições, os sócios são tidos como responsáveis, solidariamente, perante a lei.

Em Portugal, a responsabilidade social dos accionistas está limitada ao número de acções que subscreveram.

Na Holanda, há três maneiras de regular a responsabilidade: responsabilidade legal; a responsabilidade sobre uma outra base que está indicada na lei; e a responsabilidade exclusiva, que é praticada, em geral, pelas cooperativas de consumo.

CONSENTIMENTO

No Canadá, em Portugal e na Hungria, para as cooperativas poderem funcionar legalmente torna-se necessário serem aprovadas antes da sua constituição, contrariamente ao uso estabelecido em França, onde a aprovação se verifica depois.

A autorização, no Canadá, é dada pelo Ministério da Agricultura e nenhum organismo privado está encarregado de estudar as possibilidades das operações de uma sociedade que pede a autorização.

Em Portugal, é submetida à apreciação da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas o pacto social de cada sociedade cooperativa. O acordo estabelecido sob reserva de que os estatutos estejam em acordo com a lei geral, tem que ter autorização ministerial, sendo depois publicado no Diário do Governo.

Na Hungria, o artigo 32.º do decreto de 1948, estipulava que «todas as cooperativas agrícolas

Beba Café Puro, mas... CHAVE D'OURO

Agora, em embalagens de 125 grs. fechado pelo vácuo, destinado às donas de casa.

Corte as duas tampas de uma embalagem... cole-as num postal... e envie para PAC, LISBOA-1.

Um automóvel... electrodomésticos... Muitos prémios para si.

CHAVE D'OURO... O MELHOR CAFÉ.

devem submeter ao Tribunal do Comércio, pelas diligências da Moszk (Central Nacional das Cooperativas Húngaras) antes de 31 de Dezembro de 1948, os seus projectos de modificações de estatutos». «A falta da apresentação, em tempo devido, o Tribunal do Comércio pode pronunciar a liquidação da cooperativa de acordo com a Moszk».

Na Holanda, Suíça, Alemanha e Bélgica, a criação de cooperativas agrícolas não é submetida a autorização. Porém, para estes dois últimos países há certas particularidades a considerar. Assim, na Alemanha, o acto da criação deve ser inscrito no registo das cooperativas e o agente que está encarregado de as fiscalizar deverá fazê-las observar e cumprir as disposições gerais da lei. Em consequência, a cópia do processo dos estatutos deve ser depositada, bem como os nomes dos sócios e dos membros do conselho da direcção. Todas as alterações que se verificarem devem ser comunicadas.

Na Bélgica, um projecto de lei defende a instituição de um Conselho Nacional da Cooperação, do tado de personalidade jurídica.

Guilherme de Oliveira Martins

Dadores de sangue ao Hospital da Misericórdia de Faro

No período de 10 a 21 deste mês deram sangue, gratuita e voluntariamente a doentes pobres do hospital de Faro, os srs. António José Henrique de Sousa, D. Dolores Monteiro Ribeiro, José António da Silva Sintra, António Garcia Salgueiro, António Gonçalves Pacheco, António Novais Ferreira, Aníbal Biscaia Filipe, Armando das Neves Assunção, Carlos Manuel da Cruz Guerreiro, Manuel Joaquim Pereira, Mário Borges de Sousa, Raul Salvador Correia, Alberto Francisco Sequeira Vera, D. Lídia Inácio dos Santos, António Martins João, Manuel Martins João e Joaquim da Piedade Guerreiro.

OS C. T. T. NO ALGARVE

A seu pedido, foram exoneradas as srs.ª D. Rosa Maria da Silva Larouse e D. Joaquina de Jesus Henrique Queiro, telefonistas de reserva, respectivamente nas redes telefónicas de Portimão e Faro.

— A sr.ª D. Maria Otília da Purificação Gavina, operadora de reserva, foi transferida, a pedido, da CTF de Aljezur para o centro de agrupamento de reserva continua da CTF de Lagos.

— A título transitório, foi nomeado carteiro provincial de 3.ª classe e colocado na CTF de Portimão, o sr. Cassiano Augusto Lopes Firmino.

A TOCA DO CARACOL

em ALCANTARILHA (Tel. 113)

é o mais tipleo Restaurante do Algarve

QUARTOS

Terreno

Vende-se no centro da vila c/ a área de 126 m2 para construção. Recebe-se propostas na Serração Olhanense, Lda. Caixa Postal 79 — OLHÃO.

na capital o seu dinheiro VALE MAIS

Ao comprar um andar você assegura o seu capital, multiplicando-o rapidamente. Adquirir um andar em Queluz, zona de crescimento mesmo junto a Lisboa, e ao seu rendimento somar-se-á uma constante valorização.

icosal

SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS E CONSTRUÇÕES S.A.R.L.

Rua da Assunção, 67, 2.º — Lisboa-2

Tels.: 32 09 95 - 32 04 60

Queluz Ocidental Tel. 95 13 54

CRUZEIROS

MADEIRA E CANARIAS

(8 dias)
 Preços desde 2 400\$00
 Partidas de Lisboa:
 Outubro — 13 e 27
 Novembro — 24
 Dezembro — 8

ILHAS DO ATLANTICO

11 a 25 de Agosto
 Preços desde 6 200\$00

MAR DO NORTE

24 de Agosto a 5 de Setembro
 Preços desde 5 460\$00

MAR NEGRO

25 de Agosto a 8 de Setembro
 Preços desde 6 210\$00

NOVO MUNDO

28 de Setembro a 6 de Novembro
 Preços desde 15 320\$00



PEÇA PROGRAMAS E INFORMAÇÕES

FARO — R. Baptista Lopes, 58
 Telef: 2 39 86

LISBOA — ESTORIL — PORTO — FARO — FUNCHAL — LUANDA

A ilha da Armona em perigo

— sugerem-se urgentes medidas

(Conclusão da 1.ª página)

próspera — até tem jardim à beira-mar, parque infantil e salão de chá... Porquê hesitar, então?

A população veraneante da ilha já perdeu a cor que o sol lhe deu; as noites são um martírio de fedor (pior do que na própria terra) e as crianças estão a ser comidas lentamente pelos mosquitos. Não há exagero: talvez fosse a altura do presidente do Município e da vereação acamparem umas três noites no local. Estamos certos de que no dia seguinte encontraríamos urgentemente uma solução, se ainda estivessem vivos.

Um pequeno esforço, meus senhores, porque a Armona é uma das raras belezas da nossa Olhão. Não a deixemos perder. — M. B.

Os pregos... são para se pregar

Como utilizamos frequentemente os pregos temos tendência para esquecer que eles podem ser a causa de ferimentos dolorosos. Constituem pequenas raiozetas prontas a surpreender o distraído. Parecem inofensivos, mas ultrapassando as superfícies, são impiedosos.

O ferimento que infligem é comum e conhecido, furam a pele e produzem uma picada. Toda a picada profunda é perigosa porque pode provocar a infecção e mesmo o envenenamento do sangue. Não é necessário que o prego esteja ferrugento como a maior parte das pessoas pensam, embora isso acelere o processo de infecção. Mesmo um prego novo e de aparência limpa pode conter suficientes micróbios para que uma picada se infecte. Portanto, se tiverem a infelicidade de se ferir com um prego, não descurem a ferida. Façam tratamento imediatamente.

Pondo o pé, com todo o peso do corpo sobre um prego saliente, este pode furar o sapato e enterrar-se no pé.

Um prego saliente numa caixa ou de outro qualquer objecto, pode causar um arranhadura má no braço ou na mão ou furar uma veia ou uma artéria. Os pregos salientes num pavimento podem constituir um risco de quedas.

É preciso arrancar os pregos das tábuas e das pranchas antes de utilizar estas peças. Mesmo um prego dobrado pode provocar um ferimento. Endireitá-lo e pregar-lo convenientemente exige pouco tempo e elimina o perigo.

E não há dúvida que os pregos foram feitos para ser pregados...

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Secretaria de Estado da Indústria

Direcção-Geral dos Combustíveis

Edital

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis,

Faço saber que a Shell Portuguesa, S. A. R. L., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasolina de aviação, com a capacidade aproximada de 5 000 litros, sita em Lagos, junto à faixa de aterragem do Aeródromo, freguesia e concelho de Lagos, distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança da que as instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência n.º 241, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 10 de Julho de 1969.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição,

Mário da Silva

COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA PAZ

BENAVENTE, TELEFONE 52315

UM DOS MELHORES DO SUL DO PAÍS

CICLO PREPARATÓRIO E CURSO GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS

INTERNATOS FEMININO E MASCULINO

EXAMES OFICIAIS NO PRÓPRIO COLÉGIO

A Secretaria aceita desde já inscrições para o próximo ano lectivo, e presta todos os esclarecimentos.

ESPAÇO DE TAVIRA

TAVIRA - LUA E VOLTA

Pois é verdade, também fui. Ronco-ramente enfié-me no espaço de um televisor e, na companhia de Armstrong, Collins e Aldrin, lá segui espaço em jora, entusiasmado, embora receoso quanto ao desfecho, rumo à mais ambiciosa e maravilhosa aventura da ser- niano: apagar-se na lua.

Logo do fim da contagem decrescente, quando se acendeu o gigantesco Sa- turno V, que sem dúvida é um fogue- to invulgar, desusado, mesmo fora de serie, dados os cento e tal metros de altura, a vibração produzida foi da ordem de me fazer sentir o interior dos ossos cheio de carapinhada. O tremendo impulso que se foi proces- sando fez-me ajoelhar no solo da cabi- ne Apolo, pelo que os meus heróicos companheiros do espaço, pensando que eu iria pejar a Deus para me livrar da- queia ahada, apressaram-se a reco- nfortar-me, que não tivesse medo pois iamos desceitinhos ao Mar da Tranqui- lidade. Em vista disso fiquei mais tranqüilo, mas, mesmo assim, não se dissipou totalmente o meu maior receio que era o de que o foguetão desse ao lado. E que, no meu entender, se tal acontecesse, isto é, se o foguetão em vez de subir lhe desse para andar rente ao chão, dada a potência da es- curva de que dispunha, iria tudo raso objectivo esse que não era propriamen- te a finalidade que se pretendia atingir.

As vi lá, o monstro foi sempre rugi- nando e gubindo, estufando o céu com o seu nariz de narval, motivo por que os controladores da base deram palmos de contentamento e se puseram aos beijos mutuamente, sem distinção de sexos e em total isenção de maiaude. Eu, por mim, que ia de vigia, quando fui constatar pela vigia, respirei pro- fundamente em alívio. Isso valeu-me logo uma severa admoestação dos meus camaradas, por causa da quanti- dade de oxigénio que perdularmente estava a consumir, para além dos cál- culos. Concorrei e embataquei energo- nhado, passando daí em diante a res- pirar apenas umas vezes por outras para compensar.

Dentro de pouco tempo entrámos em órbita que é uma coisa muito engra- çada. Não se nota nada, é como se não entrássemos em coisa nenhuma. Na Terra quando se diz que fulano entrou em órbita, significa que o tipo ou se exaltou demasiado, ou carregou de mais nos copos, ou que deu em pantana do juízo. Ali não. Tudo acontece como se nada acontecesse. Nenhum dos meus camaradas se exaltou, ninguém bebeu nada e todos continuámos de perfeito juízo. O que me aborrecia um pouco é que não eram capazes de estar um momento calados. Eram inesgotáveis sempre a falar para a base e esta para eles. Tal foguetão bastante signifi- cativo, assim como quem não quer a coisa, eu lhes perguntar: Olçam lá, vocês são algarvios? Arrendei-me logo do meu inocente gracejo, tal a forma como os seus olhos me fulguraram, se entreolha- ram em seguida, acabando todos por fazer por forma bastante signifi- cativa a escótilha de comunicação com os espa- ços siderais. Compreendi ali perfeitamente num arripejo que, se queria seguir viagem, teria de ter todo o cuidado com a língua, pelo que me pus a tossir para disfarçar ao passo que jurava a mim mesmo que jamais construiria qualquer hipótese sobre a naturalidade de pessoas tão susceptí- veis.

Depois de terem despejado para a base e recebido dela um caudal de nú- meros, siglas e outras trapalhadas fan- tásticas e a velocidade que era, então, agora sabem, dos arcanos do computador electrónico, o qual digeria aquilo tudo que nem galinha, enquanto piscava as luzinhas jovial e bem disposto, enten- deram lá eles que eram horas de sair da órbita e pronto. Uma algarvia aqui, um botão de comunicação com os espa- ços siderais, e eis que a nave remete o nariz direito à Lua e, não queiram saber, num arranco, já está. Adeus ó órbita, ela aí vai. Ainda deí uma espreiteada para perceber a orien- tação e a velocidade mas qual que- rem um pau de telegráfico, nem uma andorinha, nem nada. Percebi então que já estávamos muito alto, mesmo mais alto que o preço actual da fruta.

Algor, disse a base. Ai calamam- se todos um pedacinho com os núme- ros porque são pessoas educadas e sa- bem perfeitamente que parece mal fa- lar de boca cheia. Puseram os gran- danapos e entraram a alimentar-se. Eu não pus nada porque, com a pressa tinha deixado na Terra a marmitta dos charrinhos de tomata. Então um de- les, receando que eu morresse de fome, o que constituiria problema chato não só por terem a base a ficar sem um pedaço de defunto, mas também porque o facto de eu ser o primeiro morto a chegar à Lua lhes empanaria grande- mente a glória do seu histórico feito, ofereceu-me um pau de leite de vaca e três folhas de alface desidratada de- bruchada a goma de salsa parilha. Des- astradamente, emocionado de grati- dão e fome, peguei com tal desamara- nho nos alimentos que estes, fugindo- me dos dedos, puseram-se a subir para o tecto da nave. Num repente saltou para os apêndices e aí que eu corri a vê-la quando me vi tam- bém flutuando para o tecto da cápsula como se tivesse bebido uma garrafa de gás dos balões. Compreendi então que aquela piada era a tão falada impo- nibilidade. Ainda desta vez os meus camaradas foram bastante geniais pois em vez de me trocarem a deixarem ali como roupa estendida a enzuagar, com o

avulso de um escudote e uma tenaz, foram-me buscar. Trouxeram-me para baixo e, para que tal se não repetisse, servindo-me de metro e meio de espargu- ti das suas rações prenderam-me solidamente a uma valvula que eu julgo que fosse de perú, pois dizia intermi- tentemente: Gluglu... gluglu... .

Decorrida algum tempo, como aquilo naquela altura não tinha nada que ver, e o almoço que me haviam distribuído chegava para três dias, os astronautas convenceram-me delicadamente que o melhor que eu fazia era passar pelo descom. Consultado o computador, esten- deram um cordão com uns quantos comprimentos de sono enfiados, os bus- tantes para acordar na órbita da Lua. Não os contrariando tomei a receita, isto é, o rosário daquilo e, em seguida, por sugestão deles, fui deitar-me por detrás dum baú para não aparecer na televisão.

Quando acordei a Lua estava ali já bem à vista. Mas que Lua, Santo Deus! Daquela Lua de cara risonha, feita em queijo da serra, não havia nada. Era uma lua toda estragada, cheia de buracos e riscos que não valia mesmo nada de pena. Gastar-se tanta força de mil- hões por causa de uma coisa que até parecia em terceira mão, quando lá em baixo tanta e tanta gente miserável quer construir o seu ninho, amparar os que lhe são queridos e não tem quem lhe dê a mão! À vista daquelas crate- ras, como bolhas de milho cozido que rebentassem, da vastidão dos pedregais sem fim, daquelas planuras de pedra pomes onde até as aranhas preferem morrer mas não nascem, lembrar-me eu dos verdadeiros campos lá da Terra, de onde os homens vão lá se afastam em massa porque as fortunas astronó- micas gastas com as excursões astronó- micas não se estendem a prendê-los nas benditas várzeas luxuriantes onde nas- ceram e desejariam morrer! À vista daquilo deu-me vontade de chorar, o que foi causa de enorme reboliço sibe- rial, isto é, a bordo da nave. Um dos astronautas ao ver-me de lágrima no olho caiu em pânico e berrou para os restantes: Eh, camaradas, estamos tra- mados. Há qualquer fuga de gás dentro da nave que está a atacar os olhos deste paráid. O paráid era eu. Ephi- quel-thes que aquilo era saudade. Eles como americanos não sabem o que isto é e, sem me ligarem mais importância, puzaram para fora o nariz do compu- tador o qual, ao fim de três cheiradelas, apresentou a seguinte placa luminosa: "Eúdo OK. Esse tipo chora há muitos anos mas não do gás, é pelo que se devia fazer e não se faz." Deu um es- taltinho e apagou. Palavra de honra, deu-me vontade de beijar aquela má- quina horrível. Bem, então, e comeca- ram as manobras para a alunagem. Armstrong e Aldrin vestiam já os fatos para a inauguração da Lua quando compreenderam que eu morria por ir com eles. Não tens fato, não podes ir, disseram-me. Mas eis que descobrimos a um canto um fato de banho de Si- racusa, ali esquecido pela mulherzinha encarregada de varrer e limpar os ama- relos da nave. Vestiram-me aquilo, adaptaram-me umas peças sobrecei- lentes dos escudandros, puseram-me uma torneira de saída e uma válvula de en- trada e, feita a depressurização, en- fiamos para o módulo "Águia".

Descolagem e coisa e tal e, ao fim de umas voltinhas em espiral, factos daqui e contrajactos dali, eis que as patorras do módulo pousam no solo lunar-marcenário. Armstrong despeja nova torrente de números, depressuriza a quadra, abre a portinhola, a do mó- dulo, enche-se de coragem e ele aí vai, escada à daico, à conquista da Lua.

Dei então uma espreiteada para fora a ver como era a Lua, o que apenas serviu para aumentar a minha má im- pressão anterior. Nunca vi nada tão ordinário; é que não valia nem um caracol. Ainda tentei enzerpar no hori- zonte um barzinho embora modesto on- de se pudesse beber uma imperial con- tra aquele negregado calor lunático, mas qual que, nem vivalme. Desanimei completamente. Eu que tinha ido com ideia de ficar, para me livrar dum ve- zar para sempre das más companhias, tanto as teatrais como as outras, as dos bons amigos que nos cortam pelas costas; que nunca têm ali quinhentos paus para nos emprestar, tendo-os; dos que dizem a toda a gente serem muito nossos amigos mas acrescentam com- punidamente mal empregado rapazi; dos que não tendo jeito para nada nos odiam, perseguem e destroem, porque temos a pouca sorte de fazer qualquer coisa mesmo mal; ainda para me livrar da taxa do rádio, da licença do isquei- ro, dos anúncios irritantes pela televi- são, pelos rádios amadores, pelas pare- des, dos contadores da água, da luz, de anedotas, da renda de casa, dos descontos, das prestações, dos juros, das horas certas, da guerra do Vietna- me, do Biafra, de Israel, das contes- tantes estudantis, dos guerrilheiros de Fidel, do livro Vermelho de Mao, dos Beatles, dos pops, dos hippies, dos lan- zados, dos drogados, dos snobs, dos beneméritos, do não alinhamento da Abissínia, Argélia, Egipto, Congo e quefandos, do muro da vergonha, da invasão da Checoslováquia, das teorias de salvação, em que os russos nos es- premem por um lado e os americanos por outro, enfim, de todo esse esten- dial de hipocrisia e desamor que consti- tui a quase totalidade da vida na Terra.

Houve-se ao menos na Lua uma dro- pe de pão torrado, uma mina de ovos fritos, uma biblioteca sob um caraman-

O dr. Rocheta Cassiano foi homenageado em Faro

Figura sobejamente conhecida em todo o Algarve, o dr. Armando José Rocheta Cassiano recebeu no sábado público testemunho do muito apreço e estima que lhe são dedicados. A homenagem que decorreu durante um jantar realizado no Hotel Eva, em Faro reuniu muitas dezenas de convivas e foi uma iniciativa das direcções actual e cessante do Sporting Clube Farense. Quiseram assim os dirigentes do clube preitar ao dr. Rocheta Cassiano, presidente da assembleia geral, médico da agremiação e seu amigo de sempre e testemunhar o reconhecimento pelos inestimáveis serviços prestados. Na presidência e ladeando o homenageado viam-se os srs. eng. Osvaldo Bagarrão,

delegado da Direcção-Geral dos Des- portos; João Pinto Dias Pires, presidente da direcção do Farense; dr. Trigo Pereira, presidente da Comissão Municipal de Turismo; Bernardo Iná- cio, vice-presidente do Louletano; eng. Rodrigues Pinelo, director de Estradas e dr. Almeida e Silva, director da Escola Industrial e Comercial de Faro.

Em grande plano e ladeando a ban- deira nacional, viam-se as bandeiras do Município, do Farense, Faro e Ben- fica e Louletano.

O sr. Henrique Luís de Brito Fl- gueira, leu numeroso expediente vindo de todo o País, associando-se assim muitas pessoas à homenagem. Ao usar da palavra o sr. João Pires disse que este era um dos grandes momentos das comemorações do jubileu do Sporting Farense. O eng. Osvaldo Bagarrão fez entrega ao homenageado de uma salva em prata, testemunhando o agradeci- mento de todos.

O conhecido árbitro, sr. Rosa Nunes em nome de um grupo de farense fez entrega ao dr. Rocheta Cassiano de um emblema em ouro, que lhe foi im- posto pelo devotado algarvio radicado em Lisboa, sr. José Celestino. Pelo Sport Faro e Benfica usou da palavra o sr. António Joaquim Gil, havendo em nome dos «encarnados» da capital al- garvia o sr. Herculano Herdade entre- gar um belo galardete do clube. Fa- laram ainda os srs. eng. Fernando Men- donça, presidente do Rotary Clube de Faro e dr. Manuel Gonçalves, pelo con- celho e agremiações de Loulé, de onde o homenageado é natural. Encerrou a série de discursos o dr. Trigo Pereira, presidente da Comissão de Turismo.

Visivelmente comovido o dr. Arman- do Rocheta Cassiano, que tantas vezes nos tem honrado com a sua brilhante colaboração, agradeceu esta inequívoca prova de estima e viva amizade.

Visita do almirante Tenreiro ao Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

rante Henrique Tenreiro inaugura, na próxima segunda-feira, às 12 horas, em Vila Real de Santo Antó- nio, as instalações frigoríficas da FRIGARVE — Empresa Frigorí- fica do Algarve, Lda. Após a ceri- mônia, realiza-se um almoço no Hotel Vasco da Gama, em Monte Gordo.

Um «caique de Olhão» na Feira Internacional de Osaka (Japão)

O Algarve e mais exactamente a sua actividade piscatória vão figurar na Exposição Internacional de Osaka (Japão), importante certame do maior prestígio em todo o mundo, através de um «caique», característico barco de dois mastros com velas triangulares. A embarcação tem seis metros de comprimento e a execução está sendo orientada pelo sr. Alfredo Barroca, técnico da Pescrul.

Espectáculo a favor da Associação Algarvia das Crianças Diminuídas Mentais

No São Luís Parque, efectuou-se um espectáculo com o objectivo de recolher fundos para a benemérita instituição que é a Associação Algarvia dos Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais.

Como filme de fundo foi apresentada a discutida película com Sidney Poi- tier «O ódio que gerou o amor».

A sessão foi apresentada pelo conhe- cido artista algarvio sr. João Pinto Dias Pires.

Arrenda-se

Ou vende-se propriedade em Moncarapacho com abundância de água, muito arvoredo e todas as condições necessárias a uma exploração rendosa.

Tratar na Avenida 5 de Out- ubro, n.º 5 — FARO.

FIOS PARA TRICOT A. NETO RAPOSO, LDA.

No seu Próprio Interesse consulte a casa que maior sortido tem em fios para tricot e crochet Nacionais e Estrangeiros. Venda directa ao público ao preço da fábrica.

Lã escocesa e shetland, Fibras Acrílicas, rabilon, cardinil, cordonet, perlié, e argolinha. Algodão para colchas a peso, rãfias perlapont etc.

Damos uma caderneta bônus em todas as compras.

A. NETO RAPOSO, LDA.
Praça dos Restauradores, 13-1.º Junto à Estação do Metropoll- tano — Telefone 326501.



EMERSON

a marca de qualidade

FRIGORÍFICOS DE LUXO A PREÇOS NORMAIS

distribuidores exclusivos:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.

departamento electrodoméstico

RUA DOS DOURADORES 43 - TELEF. 361763 - LISBOA

CASIGÁS — Utilidades Domésticas, Lda.
Rua Dr. António Passos, 92
Telef. 139 — Vila Real de Santo António

Armazém-Faro ALUGA-SE

Grande área, boa situação. Resposta ao n.º 11786.

Mais um falhanço, a Lua.
SEBASTIÃO LEITIA

MERECEM BORLA E CAPELO...
OS VINHOS VERDES "CAMPELO"!



Os VINHOS CAMPELO são «doutores» em VINICULTURA...
Peça em toda a parte: VINHOS CAMPELO

Um produto da rede distribuidora **PROLUX**
DEPOSITOS - FARO telef. 23669 - TAVIRA telef. 264 - LAGOS telef. 287
PORTIMÃO telef. 148 - ALMANCIL telef. 34 - MESSINES telef. 8 e 89
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Estabelecimentos **TEÓFILO FONTAINHAS NETO-Com. e Ind. S. A. R. L.**
Telef. 01433 - Telef. TEOF. - Telef. 8 e 89 - Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES - ALGARVE - PORTUGAL



TINTAS «EXCELSIOR»

Após sessenta e um anos no «Novo Mundo» regressou à sua terra um algarvio

Desde sempre o algarvio teve o gosto da aventura! Ele-lo a emigrar em procura de novos horizontes, na busca duma vida melhor ou correndo os cam-inhos do mundo. Assim queremos o homem algarvio está hoje presente em todas as latitudes.

Mas o amor à terra afagada pelo mar azulino onde nasceu, o sentimento congénito e ancestral da saudade jamais o larga. E não parte já a pensar no momento feliz em que possa de novo voltar a trilhar os caminhos orlados pelas amendoiras e pitelras. Assim aconteceu com o sr. Daniel Rodrigues Alberto, natural da Luz de Tavira e que durante muitas décadas viveu na Florida (E. U. A.). Na grande nação norte-americana viveu durante 61 anos havendo-se aposentado como superin- tendente da Staffer Chemical Company, em Nagara Falls (Nova Iorque), onde gozava do mais alto prestígio e consi- deração pelos seus dotes de carácter e qualidades de trabalho. O nosso com- patriota tem agora 82 anos, mas con- serva um aspecto excelente, sadio e alegre, como quando há 63 anos deixou o rincão natal. Esteve durante alguns anos em Cuba, onde saiu para se fixar nos Estados Unidos. Há 3 anos veio de abalada visitar a sua terra e a dos seus maiores. E esta visita ainda lhe aumentou mais as saudades, saudades de seis décadas vividas longe. Agora ficou-se definitivamente entre nós, es-

colhendo a vila de Olhão, — «cubo ao sol do sul de Portugal».

Para comemorar o seu regresso o sr. Daniel Rodrigues Alberto reuniu em tanto ágape, todo o clã familiar no local de origem — o típico sítio da Arrotaia (Luz de Tavira). Juntamente com sua esposa, companheira de sempre — D. Isabel da Conceição Rodrigues — com quem casou em 1906 vivam em seu redor quem meia centena de familiares, entre os quais duas irmãs do sr. Daniel Alberto, com as proce- tas idades de 85 e 70 anos.

Viveram-se momentos de grande ami- zade, recordando factos e nomes, em suma todo um cunho afectivo do mais belo significado.

Transportes colectivos em Olhão

O Município olhanense deliberou na sua última sessão estudar a criação do Serviço de Transportes Colectivos, iniciativa de grande interesse para a Vila Cubista. Na verdade e em função das distâncias consideráveis que separam fábricas, doca de pesca, residências, escola técnica, mercado e outros locais de interesse público de há muito se vem sentindo a necessidade de dotar Olhão com transportes colectivos urba- nos.

Arrenda-se

Propriedade de sequeiro e re- gadio com pomar.

Tratar com Eng.º Alberto Cor- reia Vargues, Rua Eng.º Duarte Pacheco, 27 Telefone 23009 — FARO.

BARCO DE RECREIO DE 12 METROS VENDE-SE OU TROCA-SE

Equipado com radar, sonda, 2 emissores, frigorífico, barco com motor para desembarque, 2 máquinas Perkins de 120 H. P. Diesel com 500 horas de uso. Casco em riga revestido a fibra de vidro. Trata e informa: R. R. — STAR — FARO.
Ver na amarração em Portimão yacht «Maria das Dores».

Prédios e Apartamentos em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO e TAVIRA

Vende o construtor: **Josué R. Rosa**. Rua do Brasil, 27 em Vila Real de Santo António.

RESTAURANTE SIROCO

OLHÃO TELEF. 72151

EMENTA DE DOMINGO

ALMOÇO JANTAR

- | | |
|---------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Hors d'Oeuvres
ou
Sumo de tomate
ou
Sopa Francesa | Sumo de tomate
ou
Sopa de Legumes
Tranches de cherne no forno
ou
Ensopado de Eirós |
| Linguado à Meunier
ou
Enguias à Pimentéz | Costeletas de Porco
à Eduardo VII
ou
Língua de vitela estufada
c/ Ervilhas |
| Vitela recheada
ou
Frango de Caril | Pastelaria
ou
Pudim Flan
ou
Arroz doce
ou
Creme de morango
ou
Fruta |
| Pão, vinho e manteiga | Pão, vinho e manteiga |

Preço 40\$00 (Serviço e taxas incluído)



por JOSÉ DOURADO

O governador civil visitou o concelho de Olhão

CONFORME largamente havíamos noticiado, realizou-se no passado domingo a primeira visita oficial do sr. governador civil do Distrito, dr. Manuel Sanches Esquivel, ao concelho de Olhão.

Cerca das 10 horas, chegou aos Paços do Concelho onde era aguardado pelo sr. presidente da Câmara, por toda a vereação municipal e diversas autoridades concelhias. Após os cumprimentos no gabinete do sr. Alfredo Timóteo Ferro Galvão, deu-se início à sessão solene de boas vindas que teve lugar no Salão Nobre dos Paços do Concelho e em cuja mesa presidiada pelo chefe do Distrito se viam além do sr. presidente da Câmara, os srs. coronel Joaquim Gomes, capitão do Porto de Faro-Olhão, dr. Manuel Guita, dr. Carvalho Parente, delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, dr. Guimarães Lobato em representação do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, dr. Caetano de Lencastre pela Agência Geral do Ultramar e demais autoridades.

Aberta a sessão pelo governador do Distrito, usou da palavra o sr. presidente da Câmara que após os cumprimentos habituais, dirigidos especialmente ao notável visitante, se referiu, embora sucintamente, às necessidades mais prementes do seu concelho, salientando a ambiciosa construção do edifício próprio para a Escola Técnica de Olhão que no seu dizer é «o desejo maior de todos os olhanenses».

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o sr. dr. Manuel Guita, presidente da Comissão Concelhia da U. N. que teve os maiores elogios ao ilustre visitante afirmando que «todos os olhanenses esperam que ele venha a ser o realizador dos seus maiores anseios».

Falou, seguidamente, o sr. prof. Manuel Leal, que afirmou que o novo governador civil encontrou no concelho de Olhão o melhor cenário do concelho dos algarvios, que dele esperam grandes feitos. Dissertou, depois, largamente sobre a figura do benemérito Calouste Gulbenkian que das tão longínquas paragens turcas, seu torrão natal, veio aqui encontrar o conforto dos seus últimos anos de vida, e para agradecer a Portugal tão grande hospitalidade o escolheu como sede da sua fundação que tanto bem tem espalhado pelos mais diversos campos da actividade humana portuguesa. As centenas de bibliotecas, cinemas e fincas com os seus milhões de livros, têm proporcionado ótima leitura a alguns bons milhares de leitores pelos mais diversos cantos de Portugal. Apresentou a terminar a sua brilhante alocução o seu muito obrigado à Fundação e o seu preito de homenagem à memória do homem que a idealizou.

Encerrou a sessão o sr. governador civil que agradeceu a todos, as provas de amizade de que fora alvo, prometendo tudo fazer para o bem do nosso concelho.

Terminada a sessão, teve lugar a visita às instalações da Biblioteca Gulbenkian em Olhão, na qual se encontraram cerca de 9 500 livros espalhados pelas mais diversas secções e que conta já com a assiduidade de mais de 6 000 leitores.

Todo o cortejo seguiu, depois, para uma rua do Bairro Engenheiro Duarte Pacheco, na qual foi descerrada pelo sr. governador civil do Distrito uma lápida comemorativa que dá o nome de Calouste Gulbenkian.

Continuando o programa desta visita oficial, o chefe do Distrito dirigiu-se na companhia das demais autoridades e dos elementos da imprensa regional, para o Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas de Peixe, em Olhão, em cujo salão de festas inaugurou uma importante exposição denominada «Portugal Além Europa», uma organização da Agência Geral do Ultramar. Nesta se podem admirar excelentes fotografias das praias, costumes e dos mais belos aspectos do nosso Ultramar. Devidamente classificadas vêm-se ainda alguns dos produtos agrícolas mais característicos do nosso além-mar, encantadores diapositivos e vasta coleção de livros sobre o estado temático do dr. Caetano de Lencastre acompanhou o ilustre visitante a quem deu as indispensáveis explicações sobre a exposição que continuará aberta ao público por mais alguns dias.

Cerca das 13 horas dirigiu-se um enorme cortejo de automóveis para a Estação Elevatória de Águas, no sítio de João de Ourens (Pechão), onde o sr. dr. Manuel Esquivel procedeu à sua inauguração oficial. Este novo empreendimento veio resolver um dos maiores problemas surgidos até hoje no nosso concelho. A nova estação elevatória que custou cerca de três mil contos tem um caudal de 145 toneladas por hora e vai satisfazer as actuais necessidades do precioso líquido. No pequeno acto que constituiu a inauguração desta obra tão importante, falou o sr. Sebastião Coelho pelos Serviços Municipalizados que apresentou ao sr. governador civil os seus cumprimentos e teve algumas considerações sobre a obra inaugurada.

Teve, depois, lugar no «Restaurante Siroco» um almoço oferecido pelo sr. presidente da Câmara ao sr. governador civil, às diversas autoridades que o acompanharam e à imprensa. No termo do repasto o Rancho Infantil da Fuseta ofereceu a todos os presentes uma interessante cantada que não só deixou uma ótima impressão nos participantes do almoço como nos frequentadores habituais do restaurante.

Pelas 17 horas realizou-se na sede da Junta de Freguesia de Moncarapacho uma recepção ao sr. governador civil que ali se dirigiu acompanhado pelo sr. presidente da Câmara e pelas demais autoridades que o acompanharam durante a visita. Recebeu-o o sr. presidente da Junta, José Mascarenhas que após os cumprimentos apresentou os restantes membros. Após a visita à capela do Santo Cristo, na qual se podem apreciar belos azeites policromados, foi apresentado ao chefe do Distrito pelo dr. Fernandes Mascarenhas, ilustre historiador natural de Moncarapacho, o projecto do museu paroquial a construir junto à capela e que irá albergar as valiosas jóias de arqueologia e de arte sacra que se encontram na posse de muitos moncarapachenses e em especial na bela coleção do prior da freguesia.

Realmente, durante uma sessão de boas vindas no salão da Casa do Povo de Moncarapacho, lteralmente cheio, e na qual o sr. governador do Distrito foi efusivamente aclamado à sua chegada, Aberta a sessão, falou o sr. presidente da Junta de Freguesia que expôs os maiores problemas da

A crise da indústria conserveira

O óleo de amendoim e a incidência do seu custo no fabrico das conservas

O vespertino «A Capital» publicou na sua edição do passado dia 18 um importante artigo que, dado o interesse que assume para um magno sector da indústria algarvia, publicamos integralmente com a devida vénia:

«A crise da indústria de conservas de peixe tem vindo a converter-se num caso de inquietação e de ansiedade de consciência económico-social do País. Ao longo do litoral português, voltada ao mar que parece oferecer-lhe pródigos recursos, uma actividade económica que germinou há mais de um século, que conta cerca de duzentas fábricas e ocupa vinte mil trabalhadores e que tem contribuído para a balança comercial da área do escudo com mais de um milhão de contos anuais de divisas, obtidas da exportação nos últimos anos, está ameaçada de um colapso a curto prazo por inviabilidade das suas condições básicas de exploração. Um sistema anacrónico de aquisição da matéria-prima fundamental, regido pela oferta em leilão nas slotas do peixe que a indústria e o consumo corrente em fresco disputam ao sabor das mais contraditórias flutuações, foi agravado nos últimos tempos pela escassez das capturas do pescado e pela irregularidade da dimensão do peixe de que as fábricas carecem para uma produção estandarizada. A escassez dos fornecimentos, as incertezas que comprometem a laboração regular e, sobretudo, os preços que o peixe tem alcançado (designadamente a sardinha) impossibilitam a indústria conserveira de fabricar em condições de preço de custo que lhe permitam a competição em mercados estrangeiros cada vez mais afectados por pressões concorrenciais.

É esta a situação fundamental, como a apresentam os organismos e individualidades representativas da indústria e os comentários de imprensa que reflectem as suas justificadas preocupações. Sem a solução do problema da pesca e do fornecimento de peixe à laboração conserveira, não haverá caminho viável para esta indústria de tão importante projecção na economia nacional. Sobre esse ponto ninguém, seriamente, pode alimentar ilusões ou desvios de interpretação. No entanto, o clima mais ou menos emocional de perturbação e de receio de maiores males que se gerou no ambiente da indústria de conservas de peixe e nos sectores com ela relacionados, tem suscitado singulares reacções, desvios de problemas reais, especulações mais ou menos involuntárias de opinião e de interpretação, que mais confundem a perspectiva de facto da situação da indústria. O problema básico da pesca é, notadamente, de difícil, laboriosa e dispendiosa solução. Em seu sucedâneo faz-se avultar perante a opinião menos informada outros problemas meramente marginais, na base de conceitos ou de factos muito controvertíveis, que não constituem efectivamente aspectos de influente significação no problema global da economia conserveira. E esse o caso do preço do óleo de amendoim, sobre o qual tem vindo a público, ultimamente, alusões destituídas de realidade e de razão.

Na sua expressão mais generalizada, o argumento que tem sido posto a correr é o de que o óleo de amendoim utilizado pela indústria de conservas de peixe é pago no mercado interno pelo duplo da sua cotação normal internacional e que a situação monopolista criada em benefício dos fabricantes nacionais desse óleo impede a indústria de procurar os respectivos fornecimentos em melhores condições de preço. Confundem-se nesta alegação factos muito diversos que só a situação difícil da indústria conserveira leva a apresentar sob os versáteis ou infundados prismas de interpretações especiosas. E são essas que é necessário e oportuno esclarecer.

Até há uns oito anos a importação de óleo de amendoim era plenamente livre. Não parece que, sob esse regime, os industriais de conservas tenham mostrado interesse em usar da prerrogativa, limitando-se às aquisições de óleo no mercado internacional a partidas insignificantes e aci-

freguesia, salientando a necessidade da construção do museu de que atrás falámos, do campo de jogos e do mercado municipal, anseios que o povo moncarapachense espera ver concretizados num futuro próximo.

Sobre aqueles mesmos problemas dissertou a seguir o sr. dr. Fernandes Mascarenhas que terminou afirmando que cum dos investimentos mais proficuos é o da instrução.

Encerrou a sessão o sr. governador civil que afirmou a terminar que o Governo da Nação tudo fará para satisfazer o seu povo e pois sabe quanto deve à sua generosidade.

Dirigiu-se depois toda a comitiva, para o alto do Serro de S. Miguel onde foram visitados os postos da R. T. P. e R. R. sendo inaugurada a iluminação eléctrica no lugar do Barranco de S. Miguel em cuja capela foi depois rezada missa.

Terminou, assim, a primeira visita oficial do sr. dr. Manuel Sanches Esquivel, novo governador civil do Distrito que pelo modo como foi recebido pelo concelho olhanense decerto em sua memória permanecerão os bons momentos que passou na companhia das mais consideradas autoridades olhanenses. O povo de Olhão convicido de que o sr. governador tudo fará para o progresso da sua vila, soube homenageá-lo dignamente.

JOSÉ DOURADO

dentais. A partir de certa altura, a Junta Nacional do Azeite passou a negar, de facto, licenças de importação de óleo de amendoim, pela razão elementar (de interesse para a nossa balança de comércio) de que a produção nacional desse óleo, obtido de sementes importadas, cobria perfeitamente as necessidades do consumo em condições razoáveis para os utilizadores. A Junta Nacional do Azeite passou a cobrar uma taxa sobre o óleo vendido pelos fabricantes nacionais. E, durante anos, como se sabe, nem os industriais de conservas de peixe nem outros sectores do consumo interno do produto se manifestaram contra o regime instituído.

Não se constituiu, entretanto, qualquer estrutura monopolista para o fornecimento de óleo de amendoim. Uma organização dos industriais de refinação de óleos, pelo facto de congregarem o máximo potencial de fabrico, tem mantido a maior parte do abastecimento interno do produto; num total, do consumo interno de 58 mil toneladas (número arredondado) em 1968, coube a essa organização distribuidora a parcela de 49 mil toneladas do fornecimento global. Mas de Moçambique, por outra via, tem vindo para o consumo metropolitano abastecimentos de certo vulto, certificando que não existe qualquer situação de monopólio contrariado.

A posição da indústria de conservas de peixe no mercado interno de óleo de amendoim é relativamente muito modesta, não condicionando sensivelmente a economia do sector. Das 58 mil toneladas que constituíram o consumo de óleo em 1968, a indústria conserveira apenas absorveu cerca de 2 mil toneladas. A organização distribuidora da indústria nacional de óleos alimentares forneceu, nesta minúscula parcela, cerca de 1 600 toneladas preenchendo a importação de Moçambique a fracção restante. Deve notar-se que a indústria oleícola moçambicana trabalha também com sementes importadas de países da África Negra, tal como a indústria da Metrópole. Não há outras vias, actualmente, para se obter a matéria-prima e o mercado português não pode prescindir do fornecimento do produto refinado, como é óbvio. A literatura que se intentou fazer em torno deste facto não tem qualquer relação com as realidades e os interesses nacionais.

Mas, por outro lado, o que importa considerar é que o peso do custo do óleo de amendoim no fabrico de conservas de peixe apresenta proporções tão insignificantes que a sua utilização como argumento subsidiário na justificação da crise que a indústria conserveira atravessa se afigura mera fantasia. O óleo utilizado na manipulação de 100 latas de conservas do formato mais corrente é da ordem aproximada de três litros, que são fornecidos pela indústria refinadora ao preço de Esc. 42\$17 (para os referidos três litros). Nesse custo estão já incluídas, por quilo, uma taxa de 31 centavos, aproximadamente, cobrada pela Junta Nacional do Azeite, uma outra de \$03 para a Grémio dos Armazenistas e Exportadores de Azeite e a de mais 20 centavos pelo transporte até à porta da fábrica conserveira. Nestas condições, o custo do óleo por lata de conserva é de cerca de 42 centavos — o que representa insignificante parcela no custo global. Não é por esse encargo, evidentemente, que a produção de conservas de peixe está em crise, nem seria pela redução reivindicada que a crise se resolveria sob qualquer forma sensível.

Resta o ponto fundamental da alegada diferença entre o custo do óleo fornecido à indústria de conservas pela produção nacional e o que se verifica nas cotações internacionais. Essa diferença é enorme, segundo certos porta-vozes dos fabricantes de conservas. O caso merece análise atenta e objectiva, para que se desfajam ilusões artificialmente alimentadas. O custo do óleo de amendoim fornecido no mercado interno português é de Esc. 15\$05 por quilo ou Esc. 13\$70 por litro (correspondendo um litro de óleo refinado a 910 gramas). Depois de adicionadas as taxas da

Junta Nacional do Azeite e do custo do transporte até ao consumidor, o custo efectivo por quilo é de Esc. 15\$45.

Quais são, de facto, as cotações internacionais do produto? A cotação recentemente fornecida pela Agência Reuter para o óleo cru (ou seja: não refinado) foi de 326 dólares, a granel CIF no porto de Rotterdam, o que equivale a Esc. 9\$37 por quilo. Por sua vez a conhecida publicação da especialidade «Public Ledgers» assinalava em 4 de Julho a cotação equivalente a Esc. 11\$20 para o óleo refinado, mas disponível em Londres e não nos portos de destino ou mesmo à porta do consumidor industrial. Também a revista espanhola «Óleo» registava pela mesma altura a cotação de 35 pesetas por quilo, correspondendo a Esc. 14\$00, mas entregue à porta da refinaria em Barcelona. A mais elementar ponderação destas cifras demonstra com evidência incontestável que os industriais conserveiros espanhóis adquiram o óleo refinado na base de Esc. 9\$00/9\$50, como absurdamente se declarou em informação que se disse ter sido colhida «em contacto com elementos responsáveis da indústria conserveira» — o que corresponderia a uma diferença de 62 por cento relativamente ao preço praticado em Portugal; c) que são inteiramente gratuitas, em face das cifras acima citadas das autênticas cotações internacionais do óleo de amendoim, só se justificando por ignorância ou por intuítos especulativos reprováveis, as alegações sobre a aludida diferença de preços no mercado internacional e em Espanha.

Se subsiste uma pequena diferença de preço, como é realmente de admitir, entre o óleo fornecido no mercado interno e as cotações praticadas em outros países, dois aspectos cumpre considerar ainda — e finalmente — nessa circunstância económica, que em muitas outras se repete no nosso País, incluindo a das próprias conservas de peixe nacionais, que são mais caras do que algumas das suas concorrentes estrangeiras. Por um lado, terá de atender-se a que a indústria portuguesa de óleos refinados trabalha para um mercado restrito, com incidência mais sensível dos encargos gerais na unidade de produção — além das taxas e encargos de vário género a que estão sujeitas entre nós, como é bem sabido, as actividades produtoras. Por outro lado, será de perguntar se por motivo dessa insignificante diferença de preço teriam os industriais de conservas de peixe alguma vantagem em fazer a importação directa das pequenas quantidades de óleo de que carecem, com todas as dificuldades, trabalhos e encargos de tais operações no mercado internacional; e se não constituíam antes um serviço que lhes é prestado o fornecimento assegurado pela indústria refinadora nacional, que coloca o produto à porta das fábricas conserveiras, garante a qualidade segura e estável, que nunca foi posta em causa, evita as flutuações de mercado e dispensa todo o custo administrativo da importação. Sendo cerca de 200 as fábricas de conservas de peixe em laboração, pode imaginar-se, numa média formal, o que significaria a importação de cerca de 10 toneladas anuais de óleo por cada unidade fabril, com os consequentes problemas e encargos de distribuição.

Não se faz argumentação económica com ficções. O preço «enorme» e «exorbitante» do óleo de amendoim fornecido no mercado interno português é uma dessas ficções — que não resiste, como se vê, a uma análise elementarmente objectiva.

Vende-se

Um terreno e 3 prédios no melhor local de Quarteira — Algarve. Tratar na Pensão Mário — Telef. 26 — QUARTEIRA.

Precisa-se

Gerente para mercearia Self-Service, MERCADEL — LAGOS.

Pomar de laranjeiras

Arrenda-se situado no Cercado, Ribeira do Belixe, Castro Marim. Recebe propostas em Carta fechada o dr. J. Vaz Palma em Monchique.

BRANDY CASAL SERENO
...DELICIOSAMENTE SUAVE E AROMÁTICO
Pedidos a:
JÚLIO CABEÇADAS, LDA
Telef. 24153 FARO

Cândido Ventura vai ter o seu nome numa rua de Olhão

Concretizando várias sugestões vindas a público e em especial nos órgãos informativos a Câmara Municipal de Olhão vai dar o nome do saudoso desportista Cândido Ventura, a uma artéria daquela vila.

Homenageia-se assim póstumamente o desportista, que ao clube da sua terra, o Olhanense, deu em 1924 o título de campeão de Portugal e outras tardes de glória, e que é uma figura ligada à história do futebol português. A artéria escolhida foi a que ora é conhecida pelo nome de «Cerca de D. Maria Ventura» e onde há décadas se jogava o futebol em Olhão.

Prevê-se que a homenagem se realize nos primeiros dias de Setembro.

Exibição de folclore algarvio

O apreciado Rancho Folclórico Infantil da Casa dos Pescadores da Fuseta, lidimo intérprete das danças e cantares do Algarve actua esta noite em Santo Estêvão (Tavira).

Prédios novos Prédios novos ou Andares em Propriedade. Horizontal, vendem-se e alugam-se.

Tratar com José Pereira Júnior e J. S. Carrusca. Estrada da Penha Telefones 23549 e 12683 — FARO.

Homenagem à memória do Cônego António Delgado em Olhão

Foi uma figura inesquecível de sacerdote e de homem votado a minorar o sofrimento alheio o saudoso cônego António Baptista Delgado, Verdadeiro «pal dos pobres» a eles dedicou toda a sua vida, quer através da caridade individual, como na criação de obras que pudessem proporcionar melhores condições de existência aos desamparados da sorte.

Por isso todo o Algarve dedicava o maior apreço ao cônego Delgado e por isso a sua memória continua presente na saudade de todos.

Testemunhando esse mesmo apreço a Câmara Municipal de Olhão deliberou mandar construir um jazigo no cemitério daquela vila para onde serão trasladados os restos mortais daquele sacerdote, ora depositados numa catacumba, no mesmo cemitério.

ALBERTO DE SOUSA CLÍNICA MÉDICA
Consultas diárias
R. Artilharia Um, 48-1.º, D. Telef. 685251
Praça do Norte, 8-1.º Bairro da Encarnação Telef. 31282
LISBOA

Belo Barco

Vovo-Penta aquamatic 110/200 barco madeira tipo Anchorage poucas horas uso com todos pertences e roulotte nova, vende-se motivos saúde.

Resposta a este jornal ao n.º 13975.

Frigoríficos há muitos Mas KELVINATOR é sem dúvida o melhor
Agência: Avenida da República, 59 — Telefone 291 — Vila Real de Santo António

“TROVADOR ROSÉ”

UMA PRESENÇA INDISPENSÁVEL NA SUA MESA



Distribuidor no Algarve: Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda. LOULÉ

Dinheiro!...

Economia!...

J. PIMENTA, S. A. R. L.

DO SEU CAPITAL, APLICADO EM PROPRIEDADES, SEM QUALQUER PREOCUPAÇÃO PODÉ OBTER UM RENDIMENTO OU JURO DE 7 A 10%, GARANTIDO DE 6 A 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE, POR ESCRITURA PÚBLICA 190 CONTOS RENDEM-LHE 1187\$50 MENSAIS

3 000 CLIENTES PODEM RESPONDER-LHE COM VERDADE

INFORME-SE NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tels. 45843 e 47843 — QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 Tels. 952021/22 — AMADORA - REBOLEIRA — Tel. 933670

O ÓRGÃO LOCAL DE TURISMO

No recente encontro com os órgãos locais de Turismo, foi apresentado um trabalho do sr. Alvaro Calhau Rolim, proprietário do Hotel da Baleeira e cujo resumo publicamos.

por ÁLVARO CALHAU ROLIM...

mento a todos os assuntos apresentados.

a) DEFINIÇÃO DE OBJECTIVOS

— A «Direcção-Geral do Turismo» tem de ser entidade autónoma, funcionando com plenos poderes de resolução, cabendo-lhe, sempre, em última instância, aprovar ou negar. Para tanto, qualquer Ministério, Serviços Oficiais e Câmaras, com interesses nas zonas, endossará à Direcção-Geral do Turismo todos os requerimentos, pretensões, exposições e sugestões, acompanhadas dos seus próprios pareceres e, de igual modo, a «Direcção-Geral do Turismo» procederá consultando as várias entidades interessadas e solicitando, somente, os respectivos pareceres. Ao «Órgão Local de Turismo» caberia a missão de representante da «Direcção-Geral do Turismo» e teria a função de elo de ligação: dessa sincronização obter-se-ia a necessária objectividade das obras válidas, evitando-se disparidade de critério, perdas de tempo, diferentes formas interpretativas da lei e até casos de organismos oficiais com força legal aprovarem projectos e outros organismos oficiais também com força legal embargarem judicialmente as obras constantes daqueles projectos.

b) FORMAS DE ACTUAÇÃO — O «Órgão Local de Turismo» seria dirigido por três pessoas, pelo menos: uma a representar a Câmara concelhia, outra a representar a Comissão de Turismo e uma terceira pessoa que, de qualquer forma, estivesse ligada à indústria hoteleira local. Actuaria o «Órgão Local de Turismo» dentro da povoação do concelho de maior movimento turístico, em casa de andar térreo com duas salas, no mínimo: uma destinada ao público e outra para reuniões. Os elementos directivos do «Órgão Local» reuniriam-se semanalmente a darem pronto segui-

c) APETRECHAMENTO HUMANO E MATERIAL — O «Órgão Local» contrataria um funcionário que dominasse as línguas francesa, inglesa e alemã, além do português, e teria por incumbência a coordenação de todos os elementos apresentados. A repartição seria dotada de «maples», secretária, mesas, cadeiras e outros adornos a tirar partido do sentido prático e do natural embelezamento típico da região. d) FINANCIAMENTO DA SUA ACTIVIDADE — Esta repartição, em princípio, seria custeada pela «Direcção-Geral do Turismo», não apenas no valor da renda mensal como também suportaria a despesa do vencimento do funcionário. Os elementos directivos do «Órgão Local» não receberiam vencimento, dando o seu labor gratuito em prol da região. Seriam reembolsados pelas despesas que efectuassem quando obrigados a deslocarem-se. A repartição não deve ter fins lucrativos mas servir de elemento esclarecido para beneficiar o turismo nacional.

f) REESTRUTURAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO REGIONAL DO TURISMO. SOLUÇÕES — Para que seja profícua a acção turística das zonas há que as dotar com material de propagação de manifesto interesse local e regional e tal material será de folhetos em vários idiomas, fotografias, artesanato, roteiros, elementos explicativos e elementos humanos de conhecimento local e regional, a completarem-se. Ao turista interessa documentar-se sobre tudo quanto respeite à zona que visita: história, artes, letras são perguntas comuns que, geralmente, ficam sem resposta!

A solução estará em agregar ao «Órgão Local de Turismo» o já existente e dar competência ao «Órgão Local» para essa reorganização dos Serviços com a assistência de pessoa técnica abalizada, nomeada pela «Direcção-Geral do Turismo», para, conjuntamente com os directivos do «Órgão

Eugénia Lima actua na Luz de Tavira

Amanhã à noite, na Casa do Povo da Luz de Tavira, realiza-se um espectáculo de variedades com a acordeonista Eugénia Lima e baile abrihantado por Alexandre Azul e os Continentais.



O barco à vela

No dia em que os americanos chegam à lua, vi um barco à vela. Não um daqueles vulgares barquitos, botes, saveiros ou «dorís» de que os pescadores se servem para pescar na ria ou na orla costeira, mas sim uma lanca grande, das antigas, com muitos homens a bordo. Contei sete. A embarcação vinha do mar alto e ao entrar na barra, o seu perfil majestoso recortou-se contra o céu azul, como uma pena branca transportada pela brisa do entardecer. A vela inchada, prenhe, inclinava-se quase a rocar a água num beijo sensual. O mastro segurava-a entretanto, cioso do seu poder mágico, embora lhe acompanhasse o movimento. O sol derramava ouro. A vé, um homem pequeno agarrava a canoa do leme com mãos de gigante. Era moreno e uma madeixa de cabelos, negros como a noite, procurava escapar-se-lhe por debaixo da boina ruca. Era o mestre. Nos outros bancos, os camaradas sacudiam as raças e amanhavam as artes. A proa, um moço novo assobiava uma moda engraçada. Já vender peixe à Fuseta. A coqueira que o sueste levantava, chegava por vezes a entrar pela borda da lanca, borriando-lhes o rosto acobreado e enchendo-lhes a roupa. Na proa, os banhistas brincavam com as ondas. A maré vazava. Empurrada pelo vento, a embarcação deslizava como uma galvoita sobre as águas, rindo-se da vauzante que lhe pretendia travar a corrida. Já há muito tempo que eu não via um barco à vela. Não exactamente um barco de recreio ou de competição, mas um instrumento de trabalho, onde os homens exprimissem artes, para ganhar o pão nosso de cada dia. Porque essa época já passou. Hoje é a força motriz que impulsiona os barcos sobre as águas dos rios, dos lagos, dos mares e dos oceanos. O avanço da técnica é impressionante e temos que nos submeter a ela, como bons filhos que somos duma sociedade evoluída. Se não, vejamos: quando alguém pensa atravessar o mar num barco à vela, é considerado um aventureiro! Os jornais assinalam o facto em grandes paragonas e todo o mundo abre a boca de pasmo. Porém, deste barco que eu vi, ninguém já nem jamais falou. E iam lá sete aventureiros! Não será ganhar a vida uma aventura? Em casa, os moços pequenos agarram-se às saias da mãe a pedir pão, e o homem não lhes pode negar o sustento. O barco avança. As águas agora são mais baixas. — «Vira o leme, Entoim!...» A lanca é desviada com mão firme para um lado, depois para outro. — «Quem chama a isto uma barra, chama a um cacete um assobio!» A força das águas da ria, batia-lhe contra o costado e fazia-a por vezes encabritar-se. A maré continuava a vazar. Súbitamente, deu-se aquilo que infelizmente teria que se dar. Um barco, uma guinada e aí está a embarcação presa nas areias. Os homens saltam exclamações de aborrecimento e praguejam contra tudo. Há mesmo quem se jogue ao mar para

Prédios

Vendem-se um com 3 inquilinos e 6 000 m2 de terreno com mais de uma centena de árvores de fruto.

Outro com 2 inquilinos, 600 m2 de terreno com árvores e grande cisterna.

E outro (que foi de José Guerreiro da Ângela), com 8 divisões e armazém, com chave na mão, bom local para comércio. Todos estes prédios estão situados junto à estação do C. F. de Almansil-Nexe.

Informa J. J. Melro, Almansil-Gare — Algarve.

Aluga-se em Portimão

Andares amplos, modernos, centrais. Telefone 86, Portimão ou Porto — R. S. Pousada, 113-1.º — Telefone 50056.

MONTE GORDO

Vend. últimos andares frente do mar. Inf. telef. 328 — Tavira ou 715727 — Lisboa.

Local, se estruturarem em base de valia as infra-estruturas de interesse regional.

GRANDE CONCURSO

«UM TESOURO PARA SI»

Depois de uma aventura maravilhosa, uma máquina de costura NECCHI-LÉLIA encontra-se prisioneira numa arca

Várias chaves serão distribuídas, e uma delas abrirá a arca! Poderá ser você a feliz possuidora duma máquina de costura, absolutamente grátis

Veja as montras de LOPES & REIS R. Conselheiro Joaquim Machado, 15 LAGOS NECCHI

HIPOTECAS

Sobre propriedades, fazem-se ao juro da Lei, 10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100 contos e quantias superiores e intermédias sobre propriedades rústicas ou urbanas, em Lisboa, Arradores e Província.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo.

A CONFIDENTE

LISBOA — Rossio, 3-2.º andar — Telef. 369384/5/6

PORTO — R. Passos Manuel, 14-1.º andar

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA NÃO MUDA



Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS exija-os sempre à sua mesa em casa, no bar ou no restaurante

Um produto da rede distribuidora DEPOSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA-telef. 264-LAGOS telef. 287 PORTIMÃO-telef 148-ALMANCIL-telef. 34-MESSINES-telef 8 e 89 DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS ESTABELECIMENTOS TEOFILO FONTAINHAS NETO COMERCIO E INDUSTRIA S.A.R.L. TEL. 2848 - TEL. 1907 - TEL. 6 1 89 - CAIXA POSTAL 1 S. B. 44 MESSINES - ALGARVE - PORTUGAL

PUBLICAÇÕES

«VIE ITALIENNE» — Está publicado o n.º 1 do corrente ano, que insere artigos de carácter político e económico.

«CIENCIA E TÉCNICA FISCAL» — O n.º 118 deste útil boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos contém os estudos: «Não retroactividade da lei em matéria de benefícios fiscais», por Fernando Pessoa Jorge; «As situações jurídicas tributárias», por Nuno Sá Gomes; «Os meios tutelares acessórios do imposto profissional», por António Manuel Cardoso Mota; «Anteprojecto do código dos impostos sobre o rendimento — parte-geral», por Fernando Pessoa Jorge e António Brás Teixeira; Notas e Comentários, Jurisprudência e Resoluções Administrativas.

«NOTÍCIAS CULTURAIS DA ALÉM-ANEA» — O número referente a Junho insere o habitual e bem elaborado noticiário sobre Música, Ópera, Ballet, Belas Artes, Literatura, Teatro, Cinema-Foto-Rádio-Televisão, Ciência, Vida Académica, Vida Religiosa e Educação.

«ACÇÃO» — O n.º 35-36 desta revista «Acção», da Junta de Acção Social, tem bom aspecto gráfico e insere «Factos e opiniões»; «Porquê, porque?»; «Poesia, poetas»; «Retalhos»; «Frais e exames»; «Marchas»; «Milly Fossas»; «Problemas e soluções»; «Um novo filme»; «Cantigas de mal-dizer»; «Para-que-dismo»; «Moçamedes»; «Milagre a 200 à hora»; «Le Mans-1969»; «O dia dos heróis»; «Portugal e a O. I. T.»; «Final da taça»; «Braga»; «Doença e morte em África»; «Comentário nacional»; «Humor»; «Dossier trabalhos»; «Panorama internacional»; «Desportos»; «A selva na cidade»; «Festival do livro em Nice» e «Calendário».

«BOLETIM DA UNIAO DE GRÉMIOS DOS ESPECTACULOS» — Sairá o n.º 160, com abundante noticiário ilustrado e colaboração da especialidade.

«SEGURANÇA» — Está publicado o n.º 18 desta revista do Centro de Pre-

venção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais, referente ao 2.º trimestre deste ano. Insere valiosa colaboração.

«O TEMPO E O MODO» — Recebemos o n.º 69-70, correspondente a Março-Abril, desta revista de pensamento e acção, que insere, além da crítica de artes e letras, colaboração de Joel Serrão, Eduardo Lourenço, Vasco Pulido Valente, A. H. de Oliveira Marques, António Alcáide Baptista, Carlos da Silva, Fernando Lopes Graça, Fernando Fiteira Santos, Henrique de Barros, Jaime Gama, João Bénard da Costa, Jorge de Sena, José Cardoso Pires, José Gomes Ferreira, José Medeiros Ferreira, Manuel Mendes, Manuel Sertório, Alberto Costa, Sebastião Lima Rego, António Reis, Arnaldo Matos, A. Villaverde Cabral, Fernando Baptista, Amadeu Lopes Sabino, José Cutieiro e Rui Diniz.

«EMBALAGEM» — O n.º 21 tem bom aspecto gráfico e apresenta: «A embalagem, factor de economia»; «Níveis de vida e tecnologia de embalagens»; «O corte-vinco do cartão — uma técnica de vanguarda»; «Tendência para a folha de Flandres extrafina»; «VII concurso alemão de embalagem — 1969»; «Evolução do mercado das caixas dobráveis nos E. U. A.»; «Máquinas e materiais para embalagem e acondicionamento»; «Noticiário» e «Serviço bibliotecas».

«PROPRIEDADE URBANA» — Recebemos o n.º 178, deste boletim bimestral, da Associação Lisbonense de Proprietários, que traz útil colaboração especializada, de grande interesse para a propriedade rústica e urbana.

«AUTORES» — O n.º 45 de «Autores», boletim trimestral da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, dirigido por Luís de Oliveira Guimarães, apresenta-se com esmero gráfico e insere, além das secções normais colaboração de Mário Domingues, Jean-Alexis Ziegler e L. O. G.

Andares em Olhão

Vendem-se desde 130 contos em prédio construído na Rua C (Bairro da Cavalinha) com vista para o mar, em frente à futura avenida de acesso à ilha da Armona.

Dão-se facilidades. Tratar pelo telefone 24660 — FARO.

Novo restaurante em Quarteira

Em Quarteira, realiza-se na sexta-feira, pelas 17 horas, um bebereite para comemorar a inauguração do Restaurante «O Cozinheiro».

Praia da Rocha

Terreno — Vende-se s/a Praia - Centro Construção Hotel ou Residência. A. Silva — R. Stos. Pousada, 960 — PORTO.

Hotel da Penina Precisa

Chefes de turno c/ prática, sindicalizados. Preferência que saibam Línguas. Lugar estável. Resposta ao Hotel da Penina, Montes de Alvor — Portimão.

Escola de Enfermagem de S. João de Deus ÉVORA

Ingresso na Enfermagem... «Uma profissão ao serviço da vida»

Informa todos os interessados que o novo curso de auxiliares de enfermagem terá início em 1 de Outubro próximo. O exame de aptidão efectuar-se-á na última quinzena de Setembro e a respectiva documentação deverá ser entregue de 10 a 30 de Agosto do ano em curso, podendo, todavia qualquer documento exigido ser entregue nesta Secretaria até à antevéspera do início das provas mediante o pagamento do emolumento legal.

As alunas de fracas possibilidades financeiras serão fornecidos alojamento e alimentação, mediante o pagamento de mensalidades, fixadas pela Escola, não superiores a Esc.: 500\$00.

Estas mensalidades, serão total ou parcialmente, pagas após a conclusão do curso, descontando para o efeito, quando empregadas, o mínimo mensal de 20% sobre o vencimento líquido que venham a auferir.

Os exames de aptidão constarão de provas escritas de português e aritmética. Recomenda-se, pois, que os candidatos atualizem bem os conhecimentos adquiridos na instrução primária.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE DIRECÇÃO, Manuel Estanislau Vieira de Barahona

CORREIO de LAGOS

Mais um amigo que nos alenta

Esta vez foi da nossa provincia da Guiné que um amigo, que desde há muito milita nas fileiras do Exército, nos anima a continuar na luta pelo bem comum.

Diz-nos ter lido o *Jornal do Algarve* através de outro amigo nosso assinante e porque conhece bem Lagos, satisfaz-nos que classifique de bairristas os nossos apontamentos e admire o desassombro com que nos catiramos aos que nada pugnam para a manutenção da massa anónima que é, bem vistas as coisas, o sustentáculo dos tais poderosos pelos bens materiais que possuem ou posições sociais que destruíam.

Mais humanismo senhores motoristas!

Não há muito apelámos humanismo dos nossos médicos que asoberbados com serviço nem sempre podem acudir às vítimas de desastres na via pública com a rapidez e solicitude que os casos requerem.

Esta vez, estamos a apelar dos motoristas por haverem tido conhecimento que o sinistro no túnel próximo do campo de jogos, a que já nos referimos, deixou de ser socorrido prontamente por um motorista que passou no acto do desastre, do que poderiam ter resultado consequências graves, visto tratar-se de pessoa que estava a perder muito sangue.

Valorizemos os terrenos que circundam o Palácio da Justiça

O Palácio da Justiça, obra que honra a cidade, está sendo objecto de reparos desfavoráveis pelo facto dos terrenos que o circundam, e na sua maior parte se destinam a plantas e flores que emprestem mais beleza ao aspecto exterior, estarem praticamente abandonados.

Ocorre-nos que no acto da colocação dos lancis que fazem a delimitação da propriedade, aqui e ali se encontravam tabuletas indicativas de proibição de ultrapassar os lancis.

Agora, triste é referirmos, até automóveis se vêem nos espaços destinados a plantas, e a escadaria de acesso está quase permanentemente pejada de pessoas que talvez por ausência de civismo não se apercebem da má nota que emprestam ao local sentando-se ali como se estivessem numa bancada de campo de desportos. A época não é mais indicada para ajardinar tais terrenos, mas porque há necessidade de os respeitar como se estivessem ajardoados, esperamos que todos compreendam que utilizá-los para permanência de pessoas ou veículos é contra o que a prática e a razão aconselham.

Gestos dignos a propósito do dia do C. I. C. A. 5

Tivemos conhecimento que a Empresa do Cine-Teatro Império e o Rancho Infantil do Centro de Assistência de Nossa Senhora do Carmo deram a sua colaboração para o dia do C. I. C. A. 5 sem qualquer remuneração, animados apenas pelo desejo de mostrarem a sua satisfação pela existência da unidade que tanto tem contribuído para a aproximação dos elementos militares e civis. Bem hajam pois e que outras festividades do género venham a constatar-se porque a união faz a força, e uma vez unidos poderemos conseguir algo a bem de Lagos.

Inquérito sobre o ensino

O Município Iacobrigense devesse interessado pela solução do problema do ensino atendeu-nos sollicitamente para a resposta às perguntas formuladas por Carlos Albino.

O sr. director da Escola Industrial, atarefado com exames, está indeciso, mas porque deseja o progresso do estabelecimento de ensino que dirige, esperamos se resolva por informações precisas que elucidem sobre o que falta e possibilidades de tudo, melhorar.

Do conjunto de opiniões sensatas, pró ou contra que sejam, se poderão tirar conclusões a bem do ensino no Algarve. E como mais faz quem quer que quem pode, que todos correspondam à chamada do *Jornal do Algarve* para

que o esforço de Carlos Albino não seja em vão.

Ausência de vigilância no túnel que começou mal

Talvez porque vive em nós o desejo de segurança dos que circulam nas estradas, não nos cansamos de alertar no sentido de tudo se encaminhar para que a sinalização nos pontos de trânsito perigoso seja tão completa quanto a prática aconselha.

Porque havíamos alertado sobre vigilância no túnel que começou mal, por desastre após a sua iniciação, resolvemos passar pelo mesmo cerca das 2 horas do dia 20, noite escura, que os reclamares da "Aquarela" amenizavam, e notámos que os candeeiros colocados a nascente estavam apagados. Poente, portanto, iluminado, nascente escurecido, não poderá dar azo a qualquer mal entendido? Se desastres surgirem por sinalização deficiente, não poderá responsabilizar-se os que deixam de acautelar vidas e haveres dos que circulam pelas estradas?

O consumo de água talvez reduzisse se os consumidores não fossem forçados a pagamentos excessivos

Admitamos que valores mais altos já como nós tenham visto que nos consumos de água, as anomalias são inúmeras pelo facto de se considerarem as rendas de casa para a fixação dos tais mínimos inconcebíveis na maior parte dos casos. Casas há que valendo 1 000\$00 por mês estão por 200\$00 ou 300\$00 a vice-versa, e assim a maioria dos consumidores deixa de pagar o que a prática e a razão aconselha para nuns casos pagar o duplo ou triplo do que consome e outros pagar mais ou menos o consumo. E, regra geral, os que mais podem são os que menos pagam, porque tratando-se de proprietários que nunca tiveram as suas habitações alugadas, a colecta matricial é relativamente baixa em relação às rendas que se cobram por qualquer casinhoto que seja ocupado por aluguer na época que passa.

Porque defendemos a economia da água, para que os turistas que se alojam nos pontos mais altos da cidade e no parque de campismo e aos banhistas que desejam um duche após o banho do mar, não tenham que lastimar a falta do precioso líquido, muitas vezes chamamos a atenção de consumidores para não gastarem água em operações dispensáveis, como a de refrescar a rua, mas a resposta surge quase invariavelmente: «Posso gastar à minha vontade porque mesmo assim não chego a consumir o que pago».

E por mais observações que façamos a prática de gastar água em operações dispensáveis não cessa, chegando os consumidores a recriminar-nos pela atitude razoável que tomamos relativamente à economia que se impõe.

Os que superintendem nos serviços vão-nos dizendo que disposições legais determinam que as operações de cobrança se processem com base nos rendimentos colectáveis, havendo para casos omissos, um mínimo que raro se ajusta ao consumo, especialmente de casas habitadas por reduzido número de pessoas.

Afigura-se-nos pois que, no sentido daquilo a que bem poderemos chamar disciplina no consumo de água, não deverão persistir os tais inconcebíveis mínimos, optando-se por cada um pagar o que consome pois para tanto basta a leitura dos contadores, que estamos convencidos passarão a contar menos e portanto com vantagem para todos, desde que a cada um se imponha pagar apenas o que consome.

As leis são feitas pelos homens que as modificam sempre que necessário, e no caso presente, dado o que se constata em Lagos de casas que não valem 100\$00 estarem arrendadas por 500\$00 ou mais, e outras que valem 1 000\$00 estarem colectadas por 100\$00, a modificação impõe-se.

Aos Serviços Municipalizados ficará bem estudo consciencioso sobre o assunto que exposto aos que presidem aos destinos da Nação, estamos convencidos virá a ser solucionado com honra para tudo e para todos. Pode até acontecer que se noutros concelhos as coisas se processarem como em Lagos, benefícios surjam para a maioria dos consumidores talvez sem prejuízo das economias dos Municípios.

JOAQUIM DE SOUSA PISCARRETA

chegou a altura de seres enfermeira!



Chegou a altura de decidires do teu futuro. Porém, deves escolher uma profissão que, ao mesmo tempo te realize humana e socialmente. Precisas de viver plenamente: no plano profissional e no plano pessoal. A enfermagem pode ser o teu caminho. Vem falar connosco.

Podes dispor de facilidades de alojamento e bolsas de estudo; terás a certeza de colocação após o curso; tudo isto através de uma profissão digna, simpática, compensadora.

Informações na Direcção Geral dos Hospitais — Avenida da República, 34 — Lisboa

UMA PROFISSÃO AO SERVIÇO DA VIDA

Casa vende-se

Na Rua Dr. José F. Guimarães, n.º 46, com quatro divisões, cozinha, casa de banho e pequeno quintal. Enviar propostas para Manuel Ferreira — SIMAR — Porto Alexandre — Angola ou tratar com Renato Rosado — Rua Teófilo Braga, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO.

Casa Mobilada

Aluga-se nos meses de Julho e Setembro, com quatro quartos, frigorífico, louças e roupas. Rua Cândido dos Reis, 15 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO.

Câmara Municipal de Tavira

EDITAL

Alienação de Terrenos

JORGE AUGUSTO CORREIA, Licenciado em Medicina e Presidente da Câmara Municipal de TAVIRA:

FAZ SABER que, de harmonia com a deliberação tomada em reunião de 16 do corrente mês, se procederá no edifício dos Paços do Concelho e sala das sessões da Câmara Municipal, pelas 15 horas, do próximo dia 6 de Agosto, à venda, em hasta pública, dos seguintes lotes de terreno, localizados no centro da cidade — Horta d'El Rei —, e a 1 Km da Praia de Tavira:

Lote A-69, com a superfície de 16 m² (18x12) para construção de prédio destinado a habitações e comércio (4 pisos), com a base de licitação de 800\$00, por m²;

Lotes D-69 e E-69, com a superfície de 120 m² (12x10), cada um, para construção de prédios destinados a habitações e comércio (3 pisos), com a base de licitação de 770\$00, por m².

Os lotes em causa serão alienados para o fim referido e em conformidade com as condições previstas no caderno de encargos que poderá ser examinado na secretaria municipal, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

A Câmara reserva-se o direito de não fazer a adjudicação, se o entender conveniente para os seus interesses.

Para conhecimento de todos os interessados se passa o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo.

Paços do Concelho de Tavira, 16 de Julho de 1969.

O Presidente da Câmara,

JORGE AUGUSTO CORREIA

SEDALGAR

Sociedade Exportadora do Algarve, Limitada

CERTIFICO narrativamente que por escritura de hoje lavrada a fls. 57 e seguintes do livro B 83 de notas para escrituras diversas do Cartório Notarial de Portimão a meu cargo, António de Jesus e Manuel Teodósio de Jesus dividiram em duas quotas de 100.000\$00 cada uma e cederam, a quota de 200.000\$00, na sociedade em epígrafe de que possuíam respectivamente o usufruto e nua propriedade, cujo capital social é de 600.000\$00 integralmente realizado em dinheiro e tem a sua sede no povo da Guia, concelho de Albufeira, na Estrada do Vale de Parra, a Domingos dos Reis Vieira Júnior e António Lopes Duarte, os quais ficando a ser os únicos sócios da dita sociedade, alteraram os artigos 5.º, corpo do art.º 6.º e Art.º 7.º, do pacto social os quais passaram a ter as seguintes redacções:

Art.º 5.º

O capital social é de seiscentos mil escudos integralmente realizado em dinheiro e representado por duas quotas de trezentos mil escudos, uma de cada sócio.

Art.º 6.º

A administração e representação da sociedade em Juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes sem caução e com a remunera-

ção que lhes for atribuída em assembleia geral.

Art.º 7.º

A sociedade obriga-se com a assinatura de dois gerentes, excepto em assuntos de mero expediente, para os quais bastará a assinatura de um deles.

Portimão e Cartório Notarial aos 9 de Julho de 1969.

A notária,

Mariana Carapeto dos Santos

ANDARES

Vendem-se em Vila Real de Santo António
Trata: ALCINDUSTRIAL, LDA.
Rua Cons. Frederico Ramirez, 18



14 MODELOS A SUA ESCOLHA

MARCAMPO

A MAIOR ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE CARAVANISMO

VISITE OS NOSSOS SALÕES DE EXPOSIÇÃO:

AV. ALMIRANTE GAGO COUTINHO, 56-A, B, D - TEL. 72 67 76 - LISBOA 5

75% DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE CARAVANAS
SEGREGO DE UM GRANDE ÉXITO

ECCLES
EUROPE

FAIRHOLME
SPRITE

Contrato colectivo para os caixeiros de Faro e Alportel

O ministro das Corporações determinou a aplicação do contrato colectivo de trabalho celebrado entre o Grémio do Comércio dos Concelhos de Faro e Alportel e o Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro, homologado nesta data, a todas as empresas representadas pelos Grémios do Comércio dos Concelhos de Olhão, Portimão, Silves, Loulé, Tavira e Vila Real de Santo António que tenham ao seu serviço profissionais das categorias referidas naquele contrato, bem como aos respectivos profissionais; e a todas as restantes empresas do distrito de Faro, qualquer que seja a actividade exercida que tenham ao seu serviço profissionais das categorias referidas no contrato, bem como aos mesmos profissionais, desde que não abrangidos por regulamentação convencional específica.

Do mesmo despacho, que entra em vigor simultaneamente com o contrato a que se refere, exclui-se a disposição referente a pensão de sobrevivência.

Nova ambulância para os Bombeiros Voluntários de Faro

O património da briosa Corporação dos Bombeiros Voluntários de Faro (Cruz Lusa) foi há dias enriquecido com uma nova ambulância que muito vem valorizar e ampliar a sua benemérita e extraordinária acção.

Trata-se de um moderníssimo veículo, da marca «Peugeot 404» e que imediatamente entrou ao serviço.

Vendem-se Camiões

Scania, Mercedes, OM e Honomag. Motivo: Retirada do negócio. Facilito pagamento. Trata: Joaquim Floripes Madeira. Telef. 450 — PORTIMÃO

Jovem morto num acidente de motorizada

Na estrada que liga Faro a São Brás de Alportel, o jovem Mário da Conceição Carmo Inácio, de 16 anos, natural de Santo Estêvão (Tavira) que seguia numa bicicleta motorizada foi embater numa carroça.

Conduzido em estado desesperado ao Hospital de Faro, ali faleceu horas depois por ter sofrido fracturas múltiplas e graves.

O funeral do indito Mário Inácio, que era filho da sr.ª D. Maria de Lurdes do Carmo e do sr. Constantino Inácio, efectuou-se para o cemitério da Esperança, em Faro.

A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

Trespasa-se

Mercearia e taberna na Rua Infante D. Henrique, 42 — FARO. Trata-se com o próprio, por este não poder estar à testa do estabelecimento.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

TÉNIS DE MESA

Taça de Portugal

Para disputa dos quartos de final da Taça de Portugal, o Sporting Clube de Portugal deslocou ao Algarve, no último fim de semana, as suas equipas de ténis de mesa das categorias de juniores e seniores, para defrontarem iguais categorias do Clube Náutico do Guadiana, de Vila Real de Santo António e da Soc. dos Artistas, de Faro.

Os encontros tiveram lugar na noite do último sábado, nas mesas dos clubes algarvios. Como era esperado, atendendo à categoria dos atletas leoninos, verificou-se supremacia absoluta das

equipas sportinguistas que venceram ambos os encontros pela marca de 3-0.

TORNEIO ENCERRAMENTO

Aproveitando a deslocação ao Algarve das equipas sportinguistas, promoveu a Associação de Ténis de Mesa de Faro, na manhã do último domingo, no ginásio do Liceu de Faro, amavelmente cedido para o efeito, um torneio para encerramento das suas actividades na época de 1968-69 e para entrega de prémios aos vencedores das provas realizadas durante a mesma época por aquela Associação.

Tomaram parte naquele torneio as equipas representativas do Sporting Clube de Portugal Náutico, Faro e Benfica e Imortal de Albufeira. Este torneio decorreu com o maior interesse tendo-se verificado a esperada vitória das equipas lisboetas conforme resultados que noutro local publicamos.

De salientar, além da comprovada classe e categoria dos jogadores de Lisboa, todos praticantes de elevado nível e alguns internacionais, a magnífica actuação do jogador do Faro e Benfica, Anselmo Viegas, que obteve uma vitória sobre o sportinguista Gato meira, por 3-2 e foi derrotado tangencialmente pelo consagrado internacional Delfim Soares por 2-3. No final do torneio realizou-se a cerimónia de distribuição de prémios num total de 60 medalhas e 8 taças, que foi presidida pelo sr. eng. Osvaldo Bagarri, delegado da Direcção Geral dos Desportos, que se encontrava ideado pelos srs. dr. Joaquim Magalhães, reitor do Liceu de Faro e Euclides Neves, secretário da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa. O presidente da Associação leu um cartão do sr. governador civil de Faro, pronunciando algumas palavras de agradecimento às entidades oficiais e particulares e aos clubes, salientando, de entre estes, o Imortal de Albufeira, que, de alguma forma, contribuíram para facilitar a missão da Associação a que preside e para se regozijar com os resultados obtidos.

Seguiu-se no uso da palavra o representante da Federação que manifestou a sua satisfação pelo que presenciara e a encerrar a cerimónia, o sr. delegado da Direcção Geral dos Desportos que, depois de tecer algumas considerações sobre a expansão da modalidade na nossa Província, felicitou os atletas presentes e os seus clubes e a Associação promotora do festival, terminando assim, da melhor maneira, uma bela jornada do ténis de mesa e, com ele, uma época, a segunda da modalidade no Algarve, que foi melhor do que a anterior, sob todos os aspectos e que auguramos melhor substancialmente nos anos futuros.

JOÃO LEAL

Classificações finais dos Campeonatos Distritais, por equipas:

Infantis — 1.º Sport Faro e Benfica-A, 7 pontos; 2.º Sport Faro e Benfica-B, 6; 3.º, Imortal D. Clube, 5 pontos.

Juniores — 1.º Clube Náutico do Guadiana, 4 pontos; 2.º Imortal Desportivo Clube, 2 pontos.

Seniores — 1.º Clube Náutico do Guadiana, 12 pontos; 2.º Sport Faro e Benfica, 10; 3.º, Sociedade dos Artistas, 8; 4.º, Imortal Desportivo Clube, 6 pontos.

TAÇA DE PORTUGAL

Resultados

Infantis: Faro e Benfica, 0 — Centro Católio, 3

Juniões: Náutico, 0 — Sporting Clube de Portugal, 3

Seniores: Artistas, 0 — Sporting Clube de Portugal, 3

TORNEIO ENCERRAMENTO

Resultados

Seniores: Sporting Clube de Portugal, 3 — Náutico, 0; Faro e Benfica, 1 — Sporting Clube de Portugal, 3

Juniores: Sporting Clube de Portugal, 3 — Imortal, 0; Náutico, 0 — Sporting Clube de Portugal, 3

Patrocinaram as provas distritais e torneio encerramento, as seguintes entidades: sr. governador civil de Faro, Câmara Municipal de Faro, Junta Distrital de Faro, Comissariado do Turismo, C. Santos, Cialbe-Sumol e Companhia de Seguros Soberana.

FUTEBOL

O Lusitano disputou dois jogos em Isla Cristina

Na passada semana, disputou-se em Isla Cristina (Espanha) e no âmbito das festas da Virgen del Carmen, um torneio internacional de futebol, em que participou o Lusitano Futebol Clube.

A turma vila-realense, em cuja formação abundavam muitos jovens, deixou boa presença. No primeiro encontro o Lusitano perdeu com o Isla Cristina por 1-2. Os portugueses inauguraram o marcador por intermédio de Vasques. No 2.º desafio a equipa algarvia derrotou a turma espanhola de La Palma por 6-1, alcançando assim uma magnífica vitória.

O Campeonato Europeu de Golfe (Juniores) disputa-se no Algarve

Nos magníficos relvados do Hotel da Penina decorre de 30 de Julho a 3 de Agosto o Campeonato Europeu de Golfe para Juniores (individual e equipas). Concorrem 11 países, entre os quais Portugal e a prova faz parte do calendário da Federação Europeia de Golfe. A organização deste importante certame foi confiada ao Clube de Golfe da Penina, sendo a comissão executiva constituída pelos srs. Gerald Mickleen (presidente da Associação Europeia de Golfe); visconde de Almeida Machado (presidente da Federação Portuguesa de Golfe); dr. Manuel da Fonseca (presidente do Clube de Golfe da Penina) e Henry Cotton (conhecido campeão mundial da modalidade e director do Clube de Golfe da Penina).

Vai efectuar-se em Faro o «Rally da Amizade»

No dia 2 de Agosto pelas 21,30 horas efectua-se na capital algarvia uma prova de pericia automobilística, denominada «Rally da Amizade». A competição desenrolar-se-á na Rua da Polícia de Segurança Pública, graças à colaboração do Município local e está suscitando grande interesse entre os volantes locais. São em grande número as taças em disputa, além de outros prémios de grande valor, oferecidos por entidades oficiais e firmas ligadas ao sector automobilístico.

As inscrições fazem-se no próprio local da prova.

No dia 4 de Agosto, realiza-se no São Luís Parque um espectáculo para distribuição dos prémios. Será projectado o filme de Fred Zinnemann — «Um homem para a eternidade», estando os bilhetes à marcação no Cinema Santo António.

Estas iniciativas são organizadas pelas Conferências Masculina e Mista das Conferências de São Vicente de Paulo, de Faro, destinando-se as receitas obtidas à obra humana, cristã e social destes organismos.

Vende-se APARTAMENTO EM FARO

- Já alugado a 6%.
- Dou facilidades
- Resposta ao apartado 101 — FARO.

Motorizada
Marca H. M. V., com 11 000 quilómetros, vende-se por 1 500\$00.
Informa-se nesta Redacção.

NECROLOGIA

(Conclusão da 2.ª página)

Silva Pena; cunhado da sr.ª D. Maria José Parra Pena; e tio das sr.ªs D. Rita Pena Mateus, Juliana Pena Bellão e Helena Pena Leitão e dos srs. António Pena, Miguel e Manuel da Silva Pena.

José Ricardo Borralho

Em Lagoa, de onde era natural, faleceu o sr. José Ricardo Borralho, de 34 anos, Deixa viúva a sr.ª D. Ilda Raposo Pinto Borralho e era pai das sr.ªs D. Leonilde de Jesus Pinto Borralho dos Santos, casada com o sr. Vitor Silveira dos Santos, chefe de conservação dos Serviços Municipalizados da Câmara de Lagoa e D. Maria da Luz Pinto Borralho, professora em Vale de Louzas, daquela freguesia.

João Gonçalves Viegas

Faleceu o sr. João Gonçalves Viegas, de 76 anos, proprietário do sítio da Palmeira, Serra do Botelho, S. Eras de Alportel, Deixa viúva a sr.ª D. Maria Joana Galego e era pai das sr.ªs D. Libânia Galego Gonçalves, D. Maria de Brito Gonçalves, D. Encarnação Gonçalves Galego e do sr. João Gonçalves Viegas Júnior, industrial em Bordeira, Santa Bárbara de Nexe.

António Monteiro

Faleceu em Vila Real de Santo António, de onde era natural, o sr. António Monteiro, de 75 anos, que deixa viúva a sr.ª D. Aldagundes Taçó. Era pai dos srs. Manuel, Adelino, Vicente e António Taçó Monteiro e sogro das sr.ªs D. Elisabete Mendes Taçó, D. Maria José Clemente, D. Maria Adelina Mendes Taçó e D. Maria Teresa Apolónia.

TAMBÉM FALTOURAM:

Nas HORTAS (Vila Real de Santo António) — o sr. Joaquim Rufino, de 76 anos, natural de Castro Marim, casado com a sr.ª D. Rosa dos Mártires Felicidade.

Em MONTE GORDO — o sr. Aniceto Filipe, de 72 anos, natural de Vila Real de Santo António, casado com a sr.ª D. Jesuína da Conceição Catarata.

Em CAÇELVA — o sr. Joaquim Guerreiro, de 57 anos, daí natural, casado com a sr.ª D. Maria Cruz Gonçalves. No sítio da CARVOEIRA (Caçelva) — a sr.ª D. Maria Isabel, de 81 anos, natural de Caçelva, viúva de Manuel dos Santos Júnior.

Em ODIVELAS — a sr.ª D. Maria de Lourdes Guerreiro Lima, de 42 anos, natural de Orlhão, filha da sr.ª D. Isolina de Jesus Guerreiro Lima e do sr. Raul Guerreiro Lima.

Em LISBOA — a sr.ª D. Maria Alexandre Amado Leote, de 88 anos, viúva, natural de São Marcos da Serra (Silves).

a sr.ª D. Lucinda Irene Viseto Guerreiro Centeno, de 73 anos, viúva, natural de Tavira, mãe das sr.ªs D. Maria das Neves Guerreiro Centeno Madeira, casada com o sr. João Madeira e D. Maria do Livramento Guerreiro Centeno Dias, casada com o sr. António Oliveira Faustino Dias.

a sr.ª D. Elísia Fernandes Cabrita, de 53 anos, viúva, natural de Orlhão.

o sr. José Rodrigues, de 68 anos, natural de Faro, casado com a sr.ª D. Dolores Martins Rodrigues.

a sr.ª D. Engélica Pilar Mendes, de 53 anos, natural de Boliqueime, casada com o sr. Francisco Fernandes Quinteiro.

a sr.ª D. Benvida de Jesus Rafael, de 50 anos, natural de Monchique, casada com o sr. Joaquim Cirilo Rafael.

a sr.ª D. Quitéria Maria dos Santos Pestana, de 76 anos, viúva, natural de Loulé e mãe da sr.ª D. Maria José Pestana de Deus Morais e do sr. José Vicente Pestana.

o sr. Manuel Marques dos Ramos, de 81 anos, natural de S. Marcos da Serra, Silves, operário têxtil, casado com a sr.ª D. Elvira Dionísia dos Santos da Encarnação.

a sr.ª D. Pulquéria da Piedade, de 94 anos, viúva, natural de Albufeira.

As famílias enlutadas apresenta o *Jornal do Algarve*, sentidos pésames.

VELA ALUGA-SE

1.º andar, mobilado, com cinco assoalhadas e dois quartos de banho, esquentador, frigorífico, fogão a gás, roupas e louças, aluga-se nos meses de Agosto e Setembro, em Vila Real de Santo António. Dirigir a este jornal ao n.º 8920.

Barco de Fibra Trespasa-se

Estabelecimento em óptimo local em Vila Real de Santo António, para qualquer ramo de negócio. Condições a combinar. Resposta ao n.º 11 937.

ROGAMBOLE

(Continuação)

GUIGNON

— Tenho e é negócio sério — disse ele comovido.

— Oh! meu Deus! — exclamou Cerise inquieta. — Então de que se trata?

— Não é nada triste, antes pelo contrário. Em primeiro lugar quero dizer-lhe que eu e minha mãe tencionamos ir amanhã passear para o campo e jantar por lá, e a menina podia acompanhar-nos.

— É possível, se for do agrado de sua mãe — respondeu Cerise com diplomacia.

— Ora essa! Ela bem sabe que a menina vai ser minha mulher. Cerise baixou os olhos e mirou a ponta do pé com ar pensativo!

— Então o sr. Léon chama negócio sério a um convite para jantar? — perguntou ela.

— Não — respondeu o operário — é outra coisa. A menina não ignora que o meu patrão me prometeu o lugar de contramestre para daqui a dois meses?

— É verdade — respondeu Cerise suspirando; dois meses para ela, eram dois séculos.

— Pois bem, saiba que o patrão mudou de ideias.

— O quê? Pois não será contramestre?

— Pelo contrário, já o sou.

— Ah! — exclamou Cerise estupefacta.

— O caso é este, Cerise, António, o nosso antigo contramestre, que

devia estabelecer-se nos fins do mês que vem, acaba de ter uma herança, partiu para a sua terra, e ficou eu no lugar dele.

— Muito bem, e depois? — disse Cerise que ia compreendendo.

— Depois, como o António e eu somos da mesma terra, pedi-lhe que vendesse lá as minhas jeiras, e trouxesse os papéis de que necessito.

— Visto isso, não tem o senhor Léon de lá ir?

— Está claro, e como o António deve estar aqui dentro de oito dias... Calou-se o operário, e olhou para Cerise.

— Que mais? — perguntou ela com hipócrita ingenuidade, ao passo que o coração lhe batia apressado no peito.

— Se a menina quisesse... parece-me que... podíamos casar daqui a quinze dias, — respondeu Léon.

Cerise fez-se vermelha como a romã e fitou os olhos no chão.

— Não cedo! — murmurou ela.

— E eu acho tarde — respondeu Léon apertando-lhe a mão.

— Pois bem, veremos — disse ela retirando a mão — adeus sr. Léon, até amanhã.

— Olhe, Cerise, porque não vai agora até à rua Bourbon-Villeneuve? — A casa de sua mãe?

— Sim, e fale-lhe no nosso passeio de amanhã.

— Pois bem, lá vou — disse Cerise. — Adeus, Léon.

Os dois noivos trocaram mais um longo olhar e um aperto de mão, e Cerise afastou-se com o coração palpitante ao pensar que abreviara de seis semanas o prazo para a sua felicidade.

A florista tomou pela rua Saint-Martin, e estava já próximo do boulevard, quando ouviu chamarem-na pelo nome.

— Bons dias, menina Cerise — dizia uma voz do lado dela.

Cerise voltou-se e viu um homem parado no passeio que a cumprimentava, tirando o chapéu. Era um homem de trinta anos, magro, alquebrado, com o rosto marcado pela variola, mas de olhar inteligente e alegre. Era um pintor de casas a quem as suas numerosas fatalidades haviam granjeado a alcunha de Guignon, sendo o seu verdadeiro nome, Luís Verdier. Vendo-o tão pequeno e fraco, seu pai, honrado e robusto ferro-velho, encolhera os ombros, murmurando:

— Daqui nunca há-de sair um operário válido. Vale mais resignar-se a fazer dele um artista.

O MOMENTO DO COMÉRCIO ALGARVIO

SABEMOS por experiência própria, e deve ser do conhecimento geral, que não corre com desafogo a vida comercial nesta Província. E fácil será deduzir-se que, por impulsos, o comércio local influencia o regional e este o nacional.

Vozes constantes, pertinazes, com verdades e mentiras mas traduzindo um certo alarme, trazem-nos a notícia de que determinada firma vai encerrar a nível de região, que o senhor fulano vai fechar o seu estabelecimento na localidade tal e que a sociedade Sirono & Companhia vai suspender a actividade das suas filiais, agências ou sucursais nesta e naquela terra, nesta e noutra região. Apura-se, no meio dos boatos, das verdades e das mentiras, que efectivamente têm encerrado algumas firmas importantes e outras menos importantes. Fala-se em mais alguns com tendência para seguirem o mesmo caminho. E dos que serão obrigados a isso não sabemos nós. Mas, infelizmente, tudo indica que a seu tempo constará!

Trata-se de crise económica de sectores? A nível regional? Não será tanto assim?

Parece no entanto, que alguma coisa está errada. O factor «disciplina» é evidente no comércio. Letras protestadas, cheques sem cobertura, dívidas negadas, são casos vulgaríssimos. Praços de pagamento longos, extralargos, larguissimos e «a perder de vista», são frequentes. Bónus, descontos, diferenciais, prémios, senhas, brindes, por unidades, por quantidades, por qualidades, são comuns.

As mercearias vendem pechibequês. As casas de frutas vendem vinhos. As tabernas vendem detergentes. Quando o estabelecimento de fazendas abre as portas, no horário, com os seus empregados, os seus encargos, já há muito estaciona próximo, sem horário, sem encargos, uma forguneta com vendas feitas, dos mesmos artigos. Quando a perfumaria inicia a actividade, já as vendedoras espalhadadas pela localidade venderam ou tentaram vender sabonetes, desodorizantes ou tintura para o cabelo, iniciando o dia na casa particular do dono da dita perfumaria. Os plásticos são vendidos por senhoras, para as senhoras, na hora do chá, com chá e bolos. Nas casas de plásticos não se venderão provavelmente plásticos.

Todos teremos direito à vida. É certo. Certíssimo. Mas quando na luta por esse direito legítimo, chegamos ao ponto de nos atropelarmos, de nos comermos, então não poderá seguir-se outra coisa que

OCIREMA

Técnicos portugueses de maquinaria agrícola na Alemanha

A convite do governo Federal da Alemanha, 20 técnicos agrícolas portugueses chegaram aquele país para um estágio de aperfeiçoamento profissional. Com esse aperfeiçoamento, deverá ser incrementado o programa do governo de Portugal para a mecanização da lavoura. A orientação técnica desse programa de formação foi confiada ao Orgão Central Agrícola da Fundação Alemã para Países em Desenvolvimento, em Feldafing, no Lago de Starnberg. A formação técnico-agrária, administrativa e métodos de assessoramento será realizada em colaboração com o Centro de Formação da Agricultura, situado em Witzhausen, e será complementada por excursões e visitas a estabelecimentos agrícolas e fábricas de implementos agrários.

Acesso à ilha da Armona

Iniciam-se nos primeiros dias do mês de Agosto os trabalhos da 1.ª fase da estrada de acesso à magnífica ilha da Armona, local de veraneio de grande apezabilidade. De há anos lutando-se pela construção da ponte que une aquela ilha, de grandes recursos turísticos, a Orlhão, a obra ora a iniciar estamos certos representará motivo forte para que tal projecto seja uma realidade. Aos esforços do Município olhanense deverá haver a devida correspondência dos organismos centrais, num sério contributo para o desenvolvimento turístico em terras do Sul.

Vende-se nos arredores de Faro

12.000 m2 de terra de regadio com casas e duas noras com grande abundância de água. Tratar com Diniz Nunes — Sudetenstr. 12 — Oberndorf 6331 — ALEMANHA.

VENDE-SE BARCO DE RECREIO

Origem francesa, casco de fibra, motor IN-Board 120 H. P., comprimento 5,60 metros, estado novo, óptimo para pesca desportiva. Resposta a este jornal ao n.º 11 976.

E o digno ferro-velho pôs o filho de aprendiz numa oficina de pintor de vitrais. Guignon na sua vida profissional fora vítima de quanta fatalidade pode haver neste mundo. Não era feio rapaz, e vieram as beixigas desfigurá-lo quando tinha vinte anos. Morreram-lhe a mãe deixando-lhe alguns haveres, mas roubaram-lhos o pai, sob o pretexto de que os artistas não podem, nem devem ter necessidades. Finalmente o destino de Guignon era estar continuamente apaixonado sem nunca lograr o que desejava. Se fazia a corte a qualquer rapariga, era correspondido, e chegava a pedi-la em casamento; à última hora, e sem saber como nem porquê, um acontecimento inesperado transformava tudo e desmanchava o casamento.

Uma das vezes chegara a ir ao Registo, em companhia da noiva, e ia já proferir o terrível sim quando se sentiu incomodado e teve de sair. Nos dez minutos que durou a sua ausência, a noiva reconsiderou e foi-se embora. Quando voltou, Guignon achou o malre pronto a casá-lo mas a noiva tinha desaparecido.

Guignon, porém, encarava filosoficamente esta perseguição constante da sorte, ria e cantava sempre, era servicial e bom, e não se lhe conheciam inimigos.

Havia dez anos que era amigo de Léon Rolland, o noivo de Cerise, e por isso a cumprimentara, chamando-a pelo nome.

Cerise reconheceu Guignon e dirigiu-se a ele dizendo: — Ah! bons dias, sr. Luiz, como vai de saúde?

— Pode chamar-me Guignon que não me escandalizo, menina. Realmente é esse o nome que me assenta bem. Mas, onde vai com tanta pressa?

— Vou à rua Bourbon-Villeneuve, a casa da mãe de Léon — respondeu Cerise.

— Há pouco, estive eu com ele. O negócio do casamento, creio que vai com vento em popa, e à vontade de ambos, não é verdade?

— É — disse Cerise baixando os olhos, e acrescentou — porque não vem amanhã connosco a Belleville, sr. Guignon?

— O Léon já me tinha falado nisso, e é possível que eu vá. Sempre lhe direi que arranjou ali um marido como há poucos, contudo... E Guignon calou-se, como quem temia acusar o operário.

(Continua)

FARO VAI ERIGIR O MONUMENTO AO CORONEL PIRES VIEGAS

FOI há anos expresso no Conselho Municipal de Faro o voto de que a capital algarvia prestasse pública homenagem à memória do ilustre farense coronel Pires Viegas, erigindo-lhe um monumento.

Ao que consta até fins do ano em curso será concretizado este desejo, pois que já se encontra em Faro e passado ao bronze o retrato do oficial farense que tão relevante papel desempenhou na tarefa de consolidação do solo pátrio em terras do Ultramar.

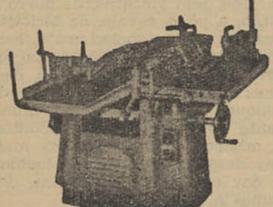
O retrato é da autoria da conhecida escultora sr.ª D. Maria Emília de Sousa Prates Ramires Fernandes e foi mandado executar pela Câmara Municipal de Faro. O monumento será erigido na praça «Coronel Pires Viegas».

«COMÉRCIO DE PORTIMÃO»

COMEMOROU o seu 44.º ano de existência o nosso prezado colega «Comércio de Portimão», de que é competente director o sr. Pedro Octávio de C. Leal. Felicitamo-lo e aos seus colaboradores.



PINHEIRO



A MAIOR FÁBRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

FILIAIS

Lisboa — Rua Filinto Elísio, 16 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 184

UMA EXPOSIÇÃO DE RODRIGUES NETO

NO Círculo Cultural do Algarve, em Faro, foi inaugurada uma exposição de trabalhos do distinto pintor e nosso colaborador Rodrigues Neto, a qual continua patente e tem sido muito visitada.

Terreno ou Casa Velha

Desabitada, com área aproximada a 100 m², compra-se em Vila Real de Santo António. Resposta ao n.º 11355.

50 PRÉMIOS GRANDES no valor de 78 180 contos é o activo da CASA DA SORTE

desde o princípio do ano
EXTRAÇÃO DA SEMANA PASSADA:
50 141 — 2.º Prémio — 400 Contos
57 805 — 3.º Prémio — 200 Contos
Mais 2 prémios grandes vendidos aos balcões da
CASA DA SORTE
a casa que faz multimilionários

A OBRIGATORIEDADE DE AFIXAÇÃO DE PREÇOS NAS MERCADORIAS EXPOSTAS À VENDA

PELO interesse de que se reveste para todo o comércio algarvio e continuando, como prometemos, a publicar o resumo da exposição feita pelo Inspector sr. Antero Pacheco Nobre, da Inspeção-Geral das Actividades Económicas, na reunião de comerciantes efectuada há semanas no salão da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, oferecemos hoje aos leitores uma síntese das palavras daquele funcionário sobre a obrigatoriedade de afixação de preços nas mercadorias expostas à venda:

Normas gerais — É obrigatória a afixação de etiquetas, letreiros ou tabelas, com indicação dos respectivos preços, em todos os géneros, produtos, artefactos e outras mercadorias expostas à venda. Aquela obrigatoriedade é extensiva a todos os estabelecimentos e lugares onde se pratiquem vendas ao público, incluindo cantinas, cooperativas e vendedores ambulantes, portanto às mercearias, padarias, talhos, salischarias, peixarias, frutarias, lugares de hortaliça, drogarias e casas de ferragens, fanqueiros, retroseiros, sapatarias, alfaiatarias, chapelarias, carpintarias e marcenarias, papelarias e livrarias, ourivesarias e relojarias, farmácias, perfumarias, casas de artigos eléctricos e de uso doméstico, casas de móveis e decorações, casas de materiais de construção, stands de automóveis e acessórios, hotéis, restaurantes, bares, cafés, pastelarias e casas de chá, pensões, pousadas, estalagens e hospedarias, casas de pasto, tabernas, etc., etc. A obrigatoriedade abrange mesmo os artigos que estejam em estantes ou prateleiras, e quando estiverem em gavetas ou caixões, nestes se afixarão os letreiros com indicação dos respectivos preços e designação dos artigos, se lhes corresponderem preços diferentes.

Normas especiais — Os artigos expostos em montras e vitrinas que confinem com a via pública ou fiquem à entrada dos estabelecimentos, bem como nos manequins ou outros lugares em evidência, terão do mesmo modo em evidência um letreiro bem legível com indicação do preço do seu custo, independentemente e além da etiqueta, ainda que não sejam vendidos no local da exposição; e os artigos nas mesmas condições, mas com letreiros indicativos de estarem vendi-

dos, conservarão os letreiros indicativos dos preços enquanto se conservarem expostos. As garrafas de bebidas de qualquer natureza, em todos os estabelecimentos, incluindo hotéis, restaurantes, pensões, bares, cafés, casas de pasto e similares, terão o seu preço marcado no rótulo ou em letreiro, de modo a torná-lo bem visível para os consumidores; os vinhos de marca, incluindo os regionais, vendidos nos estabelecimentos que fornecem comida e para consumo com esta, terão os seus preços obrigatoriamente indicados nas ementas ou nas cartas de vinhos; e as bebidas, quaisquer que elas sejam, vendidas a copo ou a cálice em qualquer estabelecimento, sem excepção, terão o seu preço de venda indicado em listas, expostas bem à vista do público e em caracteres bem legíveis, com indicação da capacidade e custo de cada copo ou cálice. Os livros, compêndios, mapas, etc., que não tenham o preço impresso na capa, tê-lo-ão a lápis no canto superior direito da primeira folha e, quando expostos em montras ou vitrinas confinantes com a via pública, o seu custo deve ser indicado em letreiros bem visíveis. As fazendas, nas alfaiatarias e nos estabelecimentos com oficinas de alfaiate quando expostas em montras que confinem com a via pública, ou desdobradas em outros lugares de exposição, terão letreiros com o preço de cada metro e também o preço dos fatos, sobretudo os ou outras peças de vestuário a que se destinem, prontos a vestir. As mobílias, louças, vidros, etc., que habitualmente se vendem por serviços, jogos, colecções, etc., expostos em montras, vitrinas, salas de exposição ou salas de vendas, terão em evidência um letreiro com o seu preço de venda e o número de peças de cada colecção, jogo, serviço, etc. As pilhas de pratos, copos, chapéus e outros artigos reunidos em grupos e de preço igual, terão um só letreiro indicativo do preço de cada unidade. Os preços das madeiras e outros materiais de construção e das sucatas, quando empilhados, constarão de listas, com caracteres bem legíveis, colocadas junto dos objectos a que dizem respeito e em lugar bem visível. As tabelas ou letreiros indicativos dos preços do peixe exposto à venda terão algarismos de, pelo menos, dois centímetros de altura, e a designação bem legível das espécies, devendo estar afixados de forma bem visível para o público. As tabelas ou letreiros dos preços de venda dos ovos e outros produtos avícolas (criação viva ou morta, caça, etc.), bem como das frutas e produtos hortícolas, devem indicar também as espécies e as categorias qualitativas ou comerciais dos produtos. As ourivesarias, independentemente dos letreiros ou etiquetas dos preços dos artigos expostos, terão sempre patente ao público um cartaz indicativo do preço de cada grama de ouro e de cada grama de prata. Nos talhos e estabelecimentos similares, independentemente da afixação, em lugar bem visível, das tabelas de preços oficiais, serão afixados letreiros indicativos do preço de cada quilograma em todas as peças de carne expostas, suspensas dos ganchos. As tabelas de preços dos hotéis, pensões, pousadas, hospedarias, estalagens e casas de hóspedes devem estar afixadas em lugar bem visível dos respectivos escritórios (recepção) e em todos os quartos. As tabelas de preços dos estabelecimentos da indústria hoteleira e similares (hotéis, pensões, restaurantes, bares, dancings, boites, pousadas, estalagens, casas de pasto, etc.) devem estar visadas: as dos estabelecimentos classificados de interesse para o turismo, pela Direcção-Geral de Turismo; as dos estabelecimentos sem interesse turístico, pelos presidentes das Câmaras Municipais dos res-



Na borda do barco gozando o fresco da tarde. Os óculos e o fato de banho são último modelo parisiense.

«FOLHA DO DOMINGO» COMEMOROU O 55.º ANIVERSÁRIO

COM um número especial, vindo a público no sábado assinalou o 55.º aniversário o nosso prezado colega «Folha do Domingo», órgão da Diocese do Algarve.

A significativa efeméride foi ainda comemorada com um almoço que se realizou no Conjunto Turístico «Siroco», em Olhão. Presidiu D. Júlio Tavares Rebimbas, prelado do Algarve, estando presentes sacerdotes, colaboradores, representantes da Imprensa algarvia e todo o pessoal da «Tipografia União» onde o jornal é confeccionado. Aos brindes usaram da palavra os srs. rev. Carlos Patrício, rev. Manuel Bárbara, dr. Trigo Pereira, dr. Rocheta Cassiano, João Pires (que leu poemas do rev. Martins de Oliveira e Raul de Matos), dr. Jacinto Duarte, rev. Vitorino Correia, Ferro Galvão, monsenhor Pardal João Leal, Augusto Dias e o prelado da Diocese.

Jornal do Algarve saúda e felicita com apreço «Folha do Domingo» por este 55.º aniversário.

Cine-Clube de Faro

Efectua-se na segunda-feira, a 26.ª sessão ordinária do Cine-Clube de Faro, sendo projectado o filme de René Clair — «As festas galantes».

pectivos concelhos.

Excepções — Da aplicação das regras gerais e especiais anteriormente indicadas apenas se exceptuam: os artigos de ourivesaria de pequenas dimensões, que podem ser expostos nas montras e vitrinas sobre a via pública só com as etiquetas e sem letreiros, mas ficando aquelas e os preços nelas inscritos bem visíveis; os artigos existentes em armazéns, depósitos, fábricas, etc. onde se não praticuem vendas ao público e sirvam apenas de arrecadação dos mesmos artigos, para os quais não é obrigatória a afixação dos preços de venda; as flores naturais, plantas e árvores, quando expostas à venda em hortas e jardins, nas quais também não é obrigatória a afixação dos preços; e os produtos químicos e farmacêuticos exclusivamente destinados à manipulação de medicamentos e dos quais não se façam vendas ao público para os quais igualmente não é obrigatória a afixação de preços.

Penalidades — A infracção das normas anteriormente indicadas implica, para os infractores, as seguintes penas: a falta de afixação de tabelas, etiquetas e letreiros indicativos dos preços dos géneros, produtos, artefactos e outras mercadorias, multa de 200\$00 a 500\$00 e de 500\$00 a 10 000\$00, conforme os casos; a falta de afixação das tabelas nos escritórios (recepção) e nos quartos dos hotéis, pensões, etc., multa até 5 000\$00; a falta de visto da entidade competente nas tabelas dos estabelecimentos das indústrias hoteleira e similares, multa até 20 000\$00. Note-se que, no caso de primeira reincidência, as multas sobem, umas para o dobro do mínimo, outras logo para dois terços do máximo.

RESPONSÁVEIS PELO TURISMO PORTUGUÊS NO ALGARVE

DESLOCARAM-SE ao Algarve nos passados dias 18, 19 e 20 diversos responsáveis pelo Turismo Português entre eles o chefe de Repartição e de Secção de Secretaria de Estado de Informação e Turismo, e professores e técnicos da Especialidade que vieram à nossa Província por iniciativa da Comissão Municipal de Turismo de Portimão e a convite da Comissão Municipal de Turismo de Albufeira, da Comissão Municipal de Turismo de Faro, e da Junta de Turismo de Quarteira, com a colaboração de várias unidades hoteleiras algarvias.

FUNCIONALISMO PÚBLICO

O sr. António Luís Figueiredo Vasco, juiz de Direito de 3.ª classe, na comarca de Tavira, foi colocado, como requeru, na situação de licença ilimitada.

Janela do MUNDO

pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

QUANDO O VENTO MUDA DE FEIÇÃO NO SUESTE ASIÁTICO

REGRESSAM a casa os primeiros soldados americanos do Vietname. Esta manobra, difícil de suportar por Van Thieu e pelo governo de Saigão, começa a delinear-se e a guerra a tomar um sentido mais nacional, pois a próxima fase será a substituição lenta dos americanos pelos sul-vietnamitas. As armas serão as mesmas, mas as responsabilidades diferentes.

Além disso, algo se vai passar a partir de agora no que diz respeito às conversações de paz. Pois se Hanói e Saigão estão divididos o mesmo acontece entre Van Thieu e o seu poderoso aliado Nixon. Nada de transigências — propõe o primeiro; vamos ao encontro do nosso antagonista — sugere o segundo. Duas posições verdadeiramente opostas, mas como conciliá-las quando há tantos interesses em jogo e uma política comum a defender. Difícil manter compromissos quando o vento muda de feição e se pretende ser conciliador!

Para encontrarem uma saída feliz para esta guerra, os Estados Unidos encontram-se dispostos a fazer aquilo que em 1955 nem sequer sonhavam. Aliás, hoje, é bem diferente o panorama político do Sueste Asiático e do Vietname em especial, com grande parte do território nas mãos do Vietcong e este já aceite oficialmente em conferências, com um governo clandestinamente constituído mas já reconhecido por numerosos países.

Washington sabia que era a altura de mudar se não queria estar em posição antagónica com alguns dos mais caros princípios que vem defendendo através dos tempos. Para sacrificar, antes a aliança com Saigão revendo uma política que lhe parece fora da lógica dos acontecimentos e do tempo que atravessamos.

Saber o que quer e até onde pode ir em concessões tem sido a especialidade do governo da Casa Branca, embora por vezes também enfrente as suas crises de fundo. Hoje, o que mais perturba os americanos é sair da guerra com a face limpa e aguardar que as negociações de Paris tomem um rumo de feição para levar o povo vietnamita às eleições e à escolha de um governo nacional. Mas muita água vai correr ainda nas margens de Saigão até que o seu governo chegue a um acordo com o de Hanói e haja clima de negociação para ambos os lados.

MATEUS BOAVENTURA

BRISAS do GUADIANA

Teve colorido e interesse a primeira corrida da época em Vila Real de Santo António

DECORREU no sábado passado a primeira corrida tauromáquica da temporada, em Vila Real de Santo António, que aqui trouxe alguns milhares de pessoas, dando à bonita Praça de Touros uma agradável moldura.

A abrir a lide, coube ao dr. Varela Cid o melhor touro da noite, possante e combativo em extremo, oferecendo belo trabalho ao cavaleiro que nele cravou sete bons ferros, sendo três curtos e quatro grandes. O próprio touro foi ovacionado no final, justificando a chamada especial ao representante dos ganadeiros, Herd, de D. Diogo Passanha (Quinta de S. Pedro). Seguiu-se-lhe D. Francisco Azarujinha, com um touro que lhe fugia à lide, mas de que conseguiu tirar partido, com dois excelentes curtos e três grandes. Ambos lidaram ainda um terceiro touro, com dois ferros curtos e dois grandes cada, neste sobressaindo o bom trabalho do dr. Varela Cid.

Os «espadas» Manoel Zúñiga e Ricardo Chibanga, tiveram dois toiros cada, produzindo «faena» de interesse, o colombiano em passes de mula de grande classe e Chibanga com o destemor que lhe é peculiar, bandarilhando, toureando de capa ou caçoelhando de mula, arrancando sempre estrepitosos aplausos.

Tanto os «espadas» como os cavaleiros viram o seu esforço premiado com

CONCERTOS NA PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A CAMARA Municipal de Vila Real de Santo António instalou, em plena Praça Marquês de Pombal, um coreto onde se realizam concertos: hoje, pela Banda da Legião Portuguesa de Olhão; nos dias 2 e 30 de Agosto, pela Banda Minerva de Loulé e no dia 10 de Agosto pela Banda de Tavira.

volta à arena ao som de música, o mesmo sucedendo aos valentes Forcados Amadores do Aposento do Barrete Verde de Alcochete, cujas magníficas pegadas mereceram os fartos aplausos recolhidos.

VIZINHANÇA POUCO RECOMENDÁVEL

O Manuel dos Reis, também conhecido por Manoel Espanhol, mora na Rua 3, que conduz à Praça de Touros. Vive sózinho e, ou porque tem má bebida, ou porque não regula bem, de saossegos a vizinhança com as suas gritarias e com o seu «desporto» favorito: apedrejar telhados e vidraças (e por vezes pessoas), com os consequentes prejuízos. Pedem-nos os seus vizinhos que solicitem de quem de direito as medidas necessárias para pôr termo aos desmandos do Manoel, o que fazemos, esperando que não tardem as medidas que se afigurem convenientes. — S. P.

PRECISA DE

Médico? Enfermeiro? Parteira? De receber uma injeção ou ser transportado para o hospital?

Telefone para o número



Vila Real de Santo António onde no mais curto espaço de tempo um piquete permanente de serviço o irá atender.

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 27 — Telefone 82 — Lagos — Remessas para todo o País.